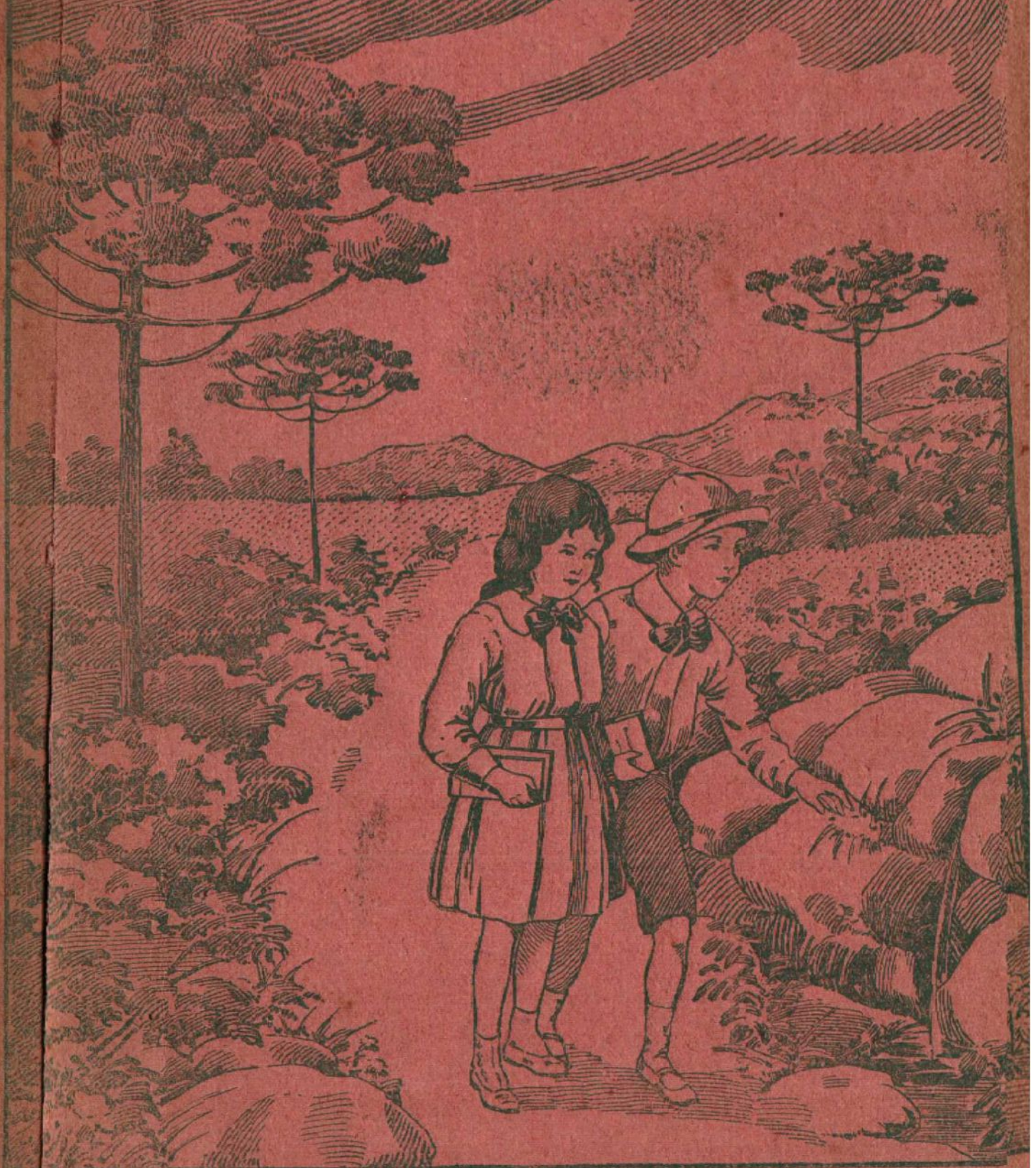


# O ENSINO

PUBLICAÇÃO DA INSPECTORIA GERAL DO ENSINO DO PARANÁ





# O ENSINO

## SUMMULA:

	Pag.
<i>O Ensino</i> . . . . .	3
<i>O que o Paraná tem feito nestes ultimos dois annos</i> . . . . .	Inspector Geral do Ensino 7
<i>A vida de um genio</i> . . . . .	Ezequiel Ramos Junior 15
<i>Como devem ser feitos os dictados</i> . . . . .	Rubens de Carvalho 25
<i>As abelhas</i> . . . . .	Francisco Leite 30
<i>Inspecção medico-escolar</i> . . . . .	Dr. Mario Gomes 31
<i>America Latina</i> . . . . .	Euclyces de Lima 35
<i>A Princesa Redemptora</i> . . . . .	C. Martinez 39
<i>Educação Hygienica</i> . . . . .	Dr. Luiz Medeiros 45
<i>O Ensino da geographia</i> . . . . .	Suetonio Bittencourt Junior 55
<i>Nacionalisação das escolas</i> . . . . .	Henricue Ribeiro 59
<i>Methodo Expositivo</i> . . . . .	Nicolau-Meira Angelis 63
<i>Pedagogia Practica</i> . . . . .	Antonio Carlos Raymundo 65
<i>Congresso Interestadoal de Ensino</i> . . . . .	Rubens de Carvalho 76
<i>Cousas diversas</i> . . . . .	81





# O ENSINO

Central 1 de Janeiro de 1922

Faltam as palavras e frases para transcrever o conteúdo do texto. O documento apresenta uma estrutura de texto com parágrafos e possivelmente subtítulos, mas o conteúdo legível é extremamente limitado devido à baixa resolução e ao estado de conservação da página.



Curitiba, 1 de Janeiro de 1922

Foi a 16 de Abril de 1920 que a actual Inspectoria do Ensino iniciou os seus trabalhos para dar cumprimento ao programma administrativo de S. Ex.<sup>cia</sup> o Snr. Presidente do Estado, na parte referente ao ensino publico. São decorridos, portanto, 21 mezes, tempo insufficiente para a completa reorganisação de um aparelho escolar incumbido dos destinos da instrucção popular.

Não se pode negar, entretanto, que nesse curto espaço de tempo muita cousa tem conseguido, não só no que tóca aos novos methodos, mas, principalmente, no que diz respeito á orientaçãõ indispensavel que deve guiar a escola para que possa bem cumprir a sua missãõ.

O exito de uma organisação escolar não depende apenas da quantidade de suas escolas; nem do valor de seus programmas. Acima de tudo isso está o espirito que anima o seu funcionamento e donde se irradia toda a luz que descortina o caminho a ser percorrido. Cada professor não pode desconhecer os motivos que o levam a agir deste ou daquelle modo, nem ignorar o fim que deve ser attingido, porque a victoria de todas as causas está na realização de um ideal preconcebido. E' impossivel caminhar ás cegas, sem planos perfeitamente delineados.

Quantas energias de incontestavel valor se perdem ou se inutilisam por falta de um guia que as saiba aproveitar convenientemente?

O navio, por mais forte que seja o seu bojo e por mais possantes que sejam as suas machinas, não poderá singrar



com serenidade e certeza a rota do seu destino sem a bússola que constantemente aponta esse mesmo destino.

Assim, toda a organização que não tiver uma idéa inspiradora e uma energia capaz de animar e regularisar a actividade que deve ser empregada, será condemnada a baquear, embóra tenha elementos de sobra para alcançar pleno successo.

Foi por isso que o Governo do Paraná se lembrou em boa hora de crear uma repartição technica competente para organizar um plano de reforma para o seu ensino e de executar esse plano pelos moldes seguidos por quantos conhecem e cuidam de tal assumpto.

Esse departamento tem como seu chefe o responsavel pelo bom exito da difícil empreza. Em suas mãos está o regular funcionamento de centenares de escolas espalhadas pelas cidades, villas e logarejos do vasto territorio paranaense. Alem dessa responsabilidade cabe-lhe ainda a missão de animar com a sua palavra e com o seu exemplo a todos quantos tomam parte nessa batalha civilisadora, afim de que se avive a lucta e se intensifique cada vez mais a obra fecunda da educação do povo. Cento e dez mil creanças reclamam o alfabeto com o mesmo desejo das plantazinhas sequiosas da chuva fertilisante. Muitas já completaram o ultimo anno da idade escolar e outras começam a attingir o primeiro.

O momento não permite delongas. E' imperiosa a necessidade de se cuidar seriamente do nosso futuro e de cumprirmos esse dever.

O primeiro passo está dado com a criação da Inspectoria do Ensino e com a reorganisação da Escola Normal.

Nestes 21 mezes de trabalho ininterrupto conseguiu a Inspectoria mudar por completo a leição que revestia o apparelho existente e hoje já se pode avaliar o resultado seguro de todas as medidas postas em pratica.



Está deste modo justificado o apparecimento desta revista. Ella é necessaria a diffusão das idéas salutaes que devem germinar no meio dos professores.

E' a palavra da ordem e do commando reflectindo o pensamento e a acção do Governo do Estado. E' o espirito orientador esclarecendo os pontos capitaes que jamais podem ser esquecidos ou ignorados. E' o estimulo para que a causa commum não esmoreça.

Sua missão é o ensino e, como tal, tem diante de si um programma sem limites, amplo como a propria natureza do magno assumpto que no dia de hoje empolga o espirito de quantos desejam o engrandecimento do Brasil pela instrucção de todos os seus habitantes.

As ultimas recommendações de Washington á democracia americana synthetizam-se nestas palavras: «Dae instrucção ao povo». Jefferson repetiu-as e os americanos souberam seguir ao pé da letra este pensamento que deve sahir sempre dos labios dos estadistas dignos desse nome.

Horacio Mann, nas phrases seguintes, reaffirmou essa verdade: «Em nosso paiz e em nossos tempos nenhum homem é digno do titulo honorifico de estadista si em todos os seus planos de administração não figura o de dar ao povo a maior educação possível. Poderá, em boa hora, possuir excellentes cotes, mas nunca chegará a ser um estadista americano, a menos que seus trabalhos, em todos os tempos e em toda parte, não se encaminhem para dar maior cultura e luzes a todo o povo».

Nos dias que correm nota-se, com grande prazer, o sopro que anima o interesse de todas as classes pela lucta contra o analfabetismo, o maior dos nossos males. E' um indicio seguro de que desejamos trilhar o verdadeiro caminho que nos ha de conduzir fatalmente a todos os surtos do progresso e que ha de fortalecer cada vez mais os laços da nossa nacionalidade.



Toda a publicação, pois, que adoptar como principio de seu ideal essa afirmação é na verdade grandiosa e deve merecer, por certo, os applausos unanimes do meio em que circula.





## O QUE O PARANÁ TEM FEITO NESTES ULTIMOS 2 ANOS

Da memoria apresentada ao Exmo. Snr. Dr. Secretario Geral de Estado pelo Snr. Inspector Geral do Ensino:

O que o Governo do Paraná tem feito nestes ultimos dous annos é um grande passo para a disseminação do alphabeto em todo o seu territorio.

Dentro dos recursos orçamentarios o Governo está conseguindo que o ensino publico primario tome um impulso consideravel e, nesse proseguimento, chegará dentro em breve a extinguir o analphabetismo até nas zonas de população menos densa.

Quasi todos os edificios dos grupos escolares, tanto da capital como do interior, foram modificados: muitas de suas casas escolares passaram por sensiveis melhoramentos e outras estão em via de construcção.

Em 1922, por occasião do centenario, inaugurará o sumptuoso edificio de sua Escola Normal, onde tambem serão installados o Grupo Escolar Modelo, Curso Intermediario, as Escolas Modelo Isoladas e o Jardim da Infancia, com uma capacidade total para 1.200 alumnos.

Estão em projecto os edificios das duas novas escolas normaes que devem ser installadas em Ponta Grossa e Paranaguá.

No firme proposito de cuidar da eficiencia do ensino, creou a Inspectoria Geral, subordinada á Secretaria Geral, e deu-lhe uma organização que a habilita a superintender todo o ensino primario. Pode-se dizer que é uma repartição quasi autonoma, pois a ella estão confiadas: a fiscalização geral, a organização de horarios e programmas, a orientação dos methodos, a localização das escolas, o seu provimento de material, a adopção de livros e todas as medidas que visem melhorar cada vez mais a organização existente

Aproveitando o serviço federal de recenseamento, a Inspectoria organizou o recenseamento da população infantil, de 7 a 14 annos, de modo a saber quaes os pontos onde a necessidade de alphabetização mais se faz sentir, qual o numero de escolas precisas em cada logar, qual deve ser sua respectiva localização. Dest'arte conseguiu distribuir o quadro de suas escolas com o criterio necessrio.



Considerando que tanto o mobiliario como o material didactico são elementos capitaes para o franco successo de uma escola, tratou, na medida de suas forças, de regularizar o serviço de distribuição, o que já conseguiu em grande parte. De 1º de Maio de 1920 a 1º de Julho de 1921,—pouco mais de um anno—distribuiu o seguinte material, que representa, mais ou menos, o valor de 130:000\$000.

Carteiras duplas . . . . .	2.250
Mesas . . . . .	320
Quadros negros de 1 <sup>m</sup> X 2 <sup>m</sup> . . . . .	200
Cartilhas . . . . .	10.666
Primeiros livros . . . . .	8 330
Segundos livros . . . . .	7.500
Louzas (duzias) . . . . .	200
Lapis (grosas) . . . . .	280
Caixas de pennas . . . . .	422
Canetas (grosas) . . . . .	100
Tinta (litros) . . . . .	800
Cadernos . . . . .	20.000

Instituindo modernos methodos de ensino, generalizando-os a todas as escolas por meio de palestras na capital e no interior, por meio de folhetos largamente distribuidos e ainda por acção directa de inspectores technicos competentes, conseguiu tornar mais rapido o apprendizado da leitura, da escripta e do calculo, assumpto de maxima importancia, tratado em primeiro plano pela actual administração.

Com poucas excepções, supprimiu nos grupos escolares do interior o 4º anno para dar logar á formação de classes para analphabetos.

Adoptou identica medida na capital, de modo que em quasi todos os estabelecimentos o numero de classes do 1.º anno é igual ou maior que o total das outras classes reunidas.

Como medida de grande alcance adoptou ainda as promoções no meio do anno e a organização de classes especiaes para que a distribuição dos alumnos analphabetos ou já alphabetizados obedeça á uniformidade do adiantamento.

Funcionam actualmente em todo o Estado 27 grupos escolares com um total de 143 classes, das quaes 75 pertencem ao 1.º anno, com uma frequencia de 3.511 alumnos.

O trabalho de alphabetização é rigorosamente fiscalizado de maneira a apurar-se o melhor resultado possivel.

Em relação ás escolas isoladas segue-se a mesma orientação e já os professores sabem que o valor do trabalho, no fim do anno, é aquilatado pelo numero de creanças que aprenderam a lêr, porque é nesse intuito, principalmente, que o professor deve despende o maximo de energia.



Os inspectores technicos têm a respeito instrucções especiaes e ordens expressas.

É sabido que a estabilidade do professor, e consequentemente o regular funcionamento das aulas, no decorrer do anno, representa o maximo interesse de uma organização escolar que quer vencer. As constantes remoções, suppressões e provimentos de escolas no meio e, sobretudo, no fim do anno, são defeitos graves e imperdoaveis para uma administração que se propõe a empregar com real proveito os dinheiros publicos. Enquanto perdurarem esses defeitos, seremos levados a soffrer as consequencias naturaes que advêm dum tal estado de cousas.

Firmado no principio de que uma escola deve completar a tarefa iniciada, o Governo paranaense tomou a resolução de só nomear ou remover os professores em épocas determinadas, sem prejuizo para o trabalho escolar, e desse modo exige que cada professor, no fim do anno, preste conta do que fez.

Pelos ultimos mappas de Julho d. p. verifica-se que frequentam as escolas isoladas no Estado 13.302 creanças matriculadas no 1.º anno, as quaes, reunidas ás 3.511 dos grupos escolares perfazem o total de 16.813.

A julgar pelo resultado que os grupos escolares do Estado apresentavam em 31 de Agosto findo (1.958 creanças que já haviam concluido o apprendizado da leitura) será de 60% o numero de promoções do 1.º para o 2.º anno ou sejam 10.084 creanças que o alfabeto illuminará este anno com as primeiras luzes, 10.084 creanças que deixarão de engrossar a enorme massa dos analphabetos em nosso paiz.

Si se levar em conta que as medidas postas em pratica para o serviço da alphabetização tendem, cada vez mais, a facilitar essa tarefa, pois o professor, assim treinado, augmentará forçosamente de anno para anno a sua efficiencia de trabalho, claro está que dentro de poucos annos a escola verá corôada de exito a sua santa missão. Todas as localidades providas de escolas estarão, desse modo, em condições de proclamar bem alto o seu gráo de progresso intellectual.

Para se ter uma prova cabal do quanto pode a acção efficaz de um estabelecimento de ensino primario e, bem assim, dos desastrados resultados a que pode chegar, quando, mal orientado, funciona como peça de um mecanismo desconjunctado, basta recorrermos á observação:

Em muitos logares onde a Inspectoria do Ensino localizou escolas e insuflou as idéas sans que nellas deviam tomar vulto, dentro de pouco tempo se verificou que parte da população infantil, uma grande maioria, conseguiu aprender a lêr, escrever e contar.



Localidades, porem, existem, com pequenas populações infantis que possuem escola regida por um mesmo professor, ha dez, quinze ou vinte annos e cujos moradores, creanças e moços, não sabem lêr na sua quasi totalidade.

Naturalmente essa escola não cumpriu o seu destino. O professor, mal compenetrado da sua responsabilidade, roubou o futuro cor de rosa de seus discipulos.

O maior responsavel, porem, neste caso, é a administração, a quem incumbe verificar a efficacia do ensino.

Neste ponto a Inspectoria Geral firmou o seu principio de acção e é em torno d'elle que gyra todo o seu interesse para o firme proposito de obter pleno exito.

E' bem de ver que um trabalho dessa natureza,—difficil de ser levado de vencida por offerecer obstaculos de toda especie,—não lograria os resultados a que felizmente vae chegando, si não contasse com o apoio real que o Governo lhe presta em todas as occasiões.

Considerando que não se pode administrar com proveito sem inteira liberdade de acção, o Snr. Dr. Presidente do Estado separou a politica da administração e, desse modo, a Inspectoria Geral pode agir sem pêas, visando apenas o interesse collectivo, sem se preocupar com as conveniências de ordem puramente politica.

E' assim que as nomeações ou modificações no quadro de funcionarios realisa-se independente de consultas aos interesses politicos locais, uma vez que sejam necessarias ao ensino. O que o Governo deseja é que se faça a devida justiça e que se proporcione á instrucção os meios requeridos para a sua productividade.

Por outro lado a inspecção das escolas realisa-se de um modo completo e as medidas della resultantes são tomadas em consideração.

Actualmente é de quatro o numero de sub-Inspectores.

O Estado está dividido em zonas que devem ser percorridas, pelo menos, duas vezes por anno. Os municipios servidos por estradas de ferro são inspecionados maior numero de vezes.

Um serviço perfeito de escripturação escolar permite á Inspectoria acompanhar o progresso de cada escola e aquilatar do trabalho e do esforço de cada professor.

Os mappas mensaes de movimento que acompanham os certificados de exercicio são examinados com attenção e, só depois, é lançado o competente visto para o pagamento devido.

Os augmentos de matricula, prova de que as escolas vão produzindo, são factos que não passam desapercibidos: verificados pelos mappas mensaes enviados, recebe o pro-



les sor, dias depois, da Inspectoria Geral, um officio patenteando satisfação por esse attestado de esforço.

Si, ao contrario, a matricula desce ou se torna estacionaria, apesar de diminuta, o professor é inquerido sobre as causas dessa anormalidade e a respeito são tomadas as providencias oportunas.

Além das 143 classes que compõem os grupos escolares, funcionam 452 escolas isoladas, muitas das quaes em predios do Estado ou pertencentes a associações escolares, e 5 escolas nocturnas para operarios, sendo uma feminina. Mantem ainda o Estado 8 escolas regimentaes, 7 na capital e uma em Castro.

E' muito commum receber o Governo o offerecimento de terrenos e auxilios em material—madeira, tijolos, telhas, etc—para a construcção das casas destinadas ás escolas.

A Directoria de Obras Publicas já organizou varios typos de construcção, fornecendo gratuitamente as plantas aos interessados.

O Governo tem em vista realizar esse melhoramento nos logares mais necessitados e só deixará de proseguir nesse firme proposito quando os recursos financeiros não o permittam.

A matricula total das escolas primarias deve elevar-se este anno a mais de 26.000 alumnos, sendo que em fins do 1.<sup>o</sup> semestre attingiu a 23.454.

A média por escola era, portanto, superior a 40,— numero mais que sufficiente para demonstrar a grande procura que os estabelecimentos têm tido nestes ultimos tempos.

Infelizmente, não pôde o Estado attender ás necessidades geraes da população, pois ainda ha municipios que permanecem completamente privados da influencia da escola primaria e outros que necessitam do triplo das escolas que têm para attenderem ás suas necessidades.

Duas difficuldades sérias se oppõem aos desejos do Governo para que taes necessidades sejam satisfeitas: falta de professores que se disponham a residir em logares longinquos, sem recursos, e a impossibilidade de arcar com maiores gastos, á vista de uma receita orçamentaria insufficiente.

Entretanto, com o concurso de mais 300 escolas, para cuja manutenção seriam precisos mais 700 contos annuaes, o Paraná resolveria dentro de pouco prazo o problema de sua alphabetização.

De facto, com o accrescimento desse poderoso elemento de combate podia receber mais 12.000 creanças, ou seja um total de 38.000, que addicionado ao de 9.323 matriculadas nos cursos particulares, daria um total de 47.323.



O numero de creanças em idade escolar, de 7 a 14 annos, era, em 1920, de 96.151, faltando os dados de 3 municipios e de alguns districtos de paz; comtudo, a cifra total não excede de 110.000.

Um aparelho escolar que tem capacidade para receber quasi metade da sua população escolar está em condições de dar combate franco ao analphabetismo, de modo a extingui-lo em prazo curto.

O concurso, pois, requerido do Governo Federal, para resolução do magno problema neste recanto do Brasil, não é difficil, nem representa pesado onus.

Oxalá elle venha sem tardança.

### Assistencia escolar

Considerando as innumeradas vantagens que advêm da inspecção medico escolar, foi instituido esse serviço no dia 1.º de Julho do corrente anno.

Com o fim de conhecer o que a esse respeito existe em São Paulo e no Rio, mandou o Governo observar nas differentes repartições a marcha e a orientação dos trabalhos.

Na organização desse serviço tivemos em mira sempre o lado pratico, de modo a fugir-se, tanto quanto possível, da parte burocratica.

Considerando que a inspecção, unicamente, não representa tudo quanto se deve desejar, pois as condições economicas de grande numero de educandos não permitem que, quando doentes, sejam tratados a tempo, de modo a remediar o mal, adoptamos tambem a assistencia medica.

Considerando ainda que a assistencia medica não basta, pois a medicação requer gastos não pequenos e successivos, resolveu o Governo, em feliz momento, prestar a assistencia pharmaceutica. Todas as receitas passadas pelo medico inspector são aviadas por conta do Estado no laboratorio pharmaceutico da Força Militar.

Convem ainda assignalar que tal assistencia é prestada tanto aos que frequentam as aulas como aos que se vêm privados de comparecer á escola.

O medico visita os doentes em seus domicilios e para isso tem á sua disposição os meios de conducção necessarios.

Durante o curto periodo de 1.º de Agosto a 1.º de Setembro foram inspecionadas 1.016 creanças, das quaes



eram francamente tuberculosas 2, que se acham em rigoroso tratamento e 120 que exigiam cuidados medicos.

Seria de toda a conveniencia que para completar a obra meritoria do Estado, a iniciativa particular tomasse a peeso fornecer a essas creanças uma alimentação sufficiente e sadia.

Uma outra instituição que se firmou de vez no Paraná é a *Caixa Escolar*, destinada a prestar auxilio ás creanças que por falta de roupa não podem frequentar as aulas, principalmente na estação invernososa.

Taes instituições, a cargo de directores, professores e i prefeitos das localidades, receberão este anno subvenção do o Governo do Estado, de accôrdo com a lei votada pelo Congresso.

As Caixas da capital, em numero de 11, alem de custear taes despesas, mantêm actualmente o serviço de assistência dentaria, subordinado á inspecção medico-escolar.

O gabinete, dotado de todo conforto e hygiene, foi adolquirido por iniciativa particular e installado por ordem do Ex xm.<sup>o</sup> Snr. Dr. Secretario Geral do Estado em magnifica sala do grupo « Tiradentes ». Funciona em dois periodos, pela manhan e á tarde, e attende a todas as creanças matriculadas, tanto dos grupos como das escolas isoladas.

Logo que seja possivel, serão installados mais dois desses gabinetes, um no grupo « Xavier da Silva » e outro no grupo « 19 de Dezembro », ficando desse modo perfeitamente organizado um serviço que tantos beneficios presta - á infancia.

### Conclusão

Quer-nos parecer que a orientação tomada pelo actual Governo do Paraná em relação ao ensino publico primario é de molde a merecer a attenção do Congresso Inter-—Estadual que ora se reúne para tratar do magno assumpto da instrucção do povo brasileiro.

Tudo quanto tem feito nestes ultimos dois annos representa um esforço verdadeiramente grande e intelligentemente encaminhado para que os filhos do povo possam receber da sua organização escolar os beneficios que só o alphabeto é capaz de produzir.



Empregando com proveito as verbas para tal fim votadas, e que se elevam a mais de 1.300 contos annues; fazendo timbre em applicar esse dinheiro de modo a produzir reaes beneficios á infancia, para o que faz questão que haja o maximo escrupulo; acompanhando com verdadeiro desvelo a marcha triumphante do seu apparelho escolar, o Paraná destaca-se como pioneiro dessa cruzada mil vezes abençoada que nos ha de tornar grandes no meio das nações grandes e dignos no meio dos mais dignos.

Curityba, em 5 de Outubro de 1921.





## A VIDA DE UM GENIO

# BEETHOVEN

Se a tua dor te afflige,  
faze della um poema.  
Goethe

### I

Na cidade de Bonn, a « Bonna » dos Romanos, a que allude Tacito, e que foi uma das primeiras fortificações militares construidas por Drusus sobre o Rheno, na Allemanha, numa rua socegada — a Bonngasse, numero 382 — onde morava um modesto casal de burguezes, um menino, de feições singulares, e já serio, sentado num tosco banco diante de uma velha espineta, estudava a sua lição de musica.

Na pequena sala da casa em que nascera, rodeado de um ambiente todo de pobreza, horas a fio permanecia assim o menino attento e serio, com as mãos espalmadas sobre o teclado, exercitando-se obstinadamente nas suas lições de technica, embebido naquelle arduo labor de adextrar os dedos e o pulso para o dominio do instrumento ingrato.

No aposento exiguo, com a sua teia dependurada do tecto baixo, uma aranha trabalhava. Era a companheira do menino, a silenciosa e discreta companheira a que elle se affeioára, naquellas longas horas de reclusão. Innumeradas vezes, interrompendo os exercicios, surprehendera-a elle, pendente de um cabo sedoso da teia, com que se destacára de lá do forro, balouçando-se numa restea de sol côada pela vidraça, quasi a pousar sobre o instrumento de que se acercára, numa attitude de attenção aos sons que da caixa harmonica se evolavam.

Nesses momentos em que, sob os dedos suspensos, as teclas emmudeciam, volvia o menino os olhos scismaticos do corpo da arachne para a janella entreaberta, e, no silencio daquella rua, ouvia então, trazido pelas lufadas doces da aragem da tarde, um canto que vinha de longe... Era a voz dos barqueiros que desciam as aguas do Rheno, entoando uma melodia popular na tristeza do crepusculo.



Impressionado pela melopéa que, com as barcas errantes, pouco a pouco se ia afastando ao deslizar das águas,—mettia-se o menino de novo diante do seu teclado. Era agora um ensaio de variações que fazia, sobre o thema da canção dos barqueiros.

O menino tornava assim á sua velha espineta, e a aranha içava-se á sua teia. O pequeno musico desfiava com os dedos a trama da melodia, e a aranha tecia com as patas a sua rede de seda.

A criança, já o sabeis...—era Beethoven que alli estava, balbuciando sobre o teclado os seus primeiros improvisos.

Seu pae, que d'elle pretendia fazer um menino asombroso—porque a musica era um officio e ganha-pão de familia,—condemnára-o, desde muito cedo, a passar os dias sentado naquella banco, diante daquella velha espineta. A principio, quando a criança relutava e chorava, o pae dava-lhe pancadas; e se o dia não bastava para o desempenho das lições que ao filho dava o seu próprio pae, o estudo tinha de continuar á noite, até ficar muitas vezes o alumno com as unhas em sangue.

Naquella casa pobre e triste, um vulto de mulher ia e vinha, em surdina, de sol nado a sol posto, na preocupação obscura dos cuidados domesticos. E uma tosse secca ouvia-se de quando em quando pelos commodos vizinhos, denunciando a presença de um soffrimento humano. Era a mãe do menino nos seus accessos pulmonares, tuberculosa, e alquebrada pelos maus tratos do marido alcoolico. Este—o marido e o pae—era de origem hollandeza, donde a particula "van", no nome que o filho devia elevar até aos astros: "Ludwig van Beethoven",.

A molestia da mãe e o vicio do pae influiram dolorosamente no destino do grande musico que alli se achava em embrião, mas não foram obstaculo ao surto triumphante do seu genio incomparavel.

Fadado estava elle, sem duvida, para uma vida de soffrimentos, mas tambem para como Orfeu, que levantava pelo seu caminho as pedras ao som de sua lyra, arrastar atrás de si, acorrentada á quadriga coruscante do seu estro, a alma enlevada das multidões humanas.

## II

Até á adolescencia, passou-se a vida do pequeno Luiz na sua cidade natal, onde a musica era cultivada com amor, como na Allemanha sempre o foi, mais do que em qualquer outra parte; e ahi constituiu a musica a maior provincia da sua educação.



Aos nove annos, já tinha Beethoven travado conhecimento com as obras de Bach, tocando os preludios e fugas para o cravo, que o seu mestre Neefe lhe impuzera, como disciplina salutar para os dedos e pábulo succulento para o espirito. Aos onze, empunhava o arco da rabeça na orchestra; aos treze, improvisava ao orgão; e, dahi por diante, a ascensão de sua psyche privilegiada, que se prodigalisava em primores de criação musical, foi uma demonstração constante de fantasia tão rica e de vontade a tal ponto omnipotente, que para uma e outra não ha termo digno de comparação nos fastos da arte que elle cultivou.

### III

Beethoven muda-se para Vienna. Nascem as primeiras sonatas de piano, as primeiras obras de musica de camara, os primeiros quartettos...

Ahi, trava relações nas rodas da aristocracia. Mozart, a quem é apresentado e diante de quem improvisa ao piano sobre um thema de fuga que lhe propõe o autor do "Don João", trata-o com admiração e carinho:—"Atenção com este rapaz: elle ha de dar que falar de si.", Haydn, em plena maturidade do seu engenho, dá-lhe conselhos sobre a harmonia. Beethoven exhibe-se nos grandes salões, chama a attenção das mulheres, veste-se com apuro, é visto nos passeios do Troter a cavallo, dá concertos, impõe-se, ganha dinheiro. A sua alma de moço é generosa e meiga.

—"... Vejo um amigo necessitado (escreve o compositor a Wegeler); se a minha bolsa está vazia, basta sentar-me a mesa de trabalho, e em pouco tempo tiro-o de dificuldades. Vê como isto é agradável!,"

Ha, nos termos desta correspondencia epistolar com o seu amigo de infancia, a candura de um dialogo virgiliano entre Tytiro e Melibeu, discorrendo á sombra da faia...

Parece que diante de Beethoven se abrem, de par em par, as portas da gloria, da fortuna e da felicidade.

Mas, ai!...

\*

### IV

Mas, ai!... Pouco tempo depois desta carta, começa de repente Beethoven a sentir umas zoadas estranhas nos ouvidos; e uma nuvem sinistra abate-se fatidicamente sobre aquelle fagueiro mundo de illusões. Da nuvem negra, que tudo lhe obscurece em redor logo no início de sua carreira artistica, aos 26 annos, uma calamidade irremediavel despenha-se, como um bolido, sobre a cebeça do musico:—Beethoven fica surdo!

Uma otite veda-lhe a audição.



O mal que, como uma ironia brutalissima da sorte, lhe inutilisava desta fórma o organo predestinado ás conquistas de sua arte, esse mal, de que nunca mais pode livrar-se, era a brusca revelação de uma tára congenita, com que o filho infeliz pagava os desregramentos da vida do pae.

— “... Beethoven avec ses otites précoces, et son perpétuel état de morbidité, d'une part, l'exaltation de la pensée et son énorme puissance de travail d'autre part, constitue bien le type de l'hérédé”. Audrain — “La Syphilis Obscure”.

Victima innocente da culpa paterna, Beethoven, entretanto, fôra em toda a sua vida casto e impolluto! E era com a alma convulsionada, como um mundo a tremer num terremoto, que elle escrevia, por essa occasião, a um amigo:

— “Meu caro... Teu Beethoven é profundamente desgraçado. Communico-te que a parte mais nobre do meu ser, o meu ouvido, muito tem perdido. Já na época em que estivemos juntos, sentia os symptomas do mal que eu occultava. Mas, desde então, elle tem sempre se aggravado. Ficarei bom? Eu o espero, naturalmente, mas bem pouco; essas molestias são incuraveis. Como devo viver tristemente!... evitar tudo o que amo e que me é caro, e isso num meio tão miseravel, tão egoista! Em que triste resignação me devo refugiar! Sem duvida pretendo collocar-me acima de todos esses males. Mas como me será isso possivel?”

Alhures, escrevia:

— “No theatro preciso ficar muito perto da orchestra, para comprehender os actores. Não ouço os sons agudos dos instrumentos e das vozes, se fico um pouco longe. Quando me falam baixo, eu mal percebo, e, ao contrario, quando gritam, isso me é intoleravel... Muitas vezes tenho amaldiçoado a minha vida. Plutarcho conduziu-me á resignação. Eu quero, se isso é possivel, affrontar o meu destino. Mas ha momentos em que me sinto a mais miseravel criatura de Deus...”

Imaginae agora a repercussão que teve esse facto na esthetica do Mestre, a projecção desse martyrio psychologico sobre a melhor parte de sua obra.

Outro que fosse, teria o artista arrepiado carreira, diante daquella catastrophe na vida; não Beethoven, porém, — não elle, que tinha implantado nas espaduas asas acvilneas para transpor todas as montanhas.

Lembrae-vos das palavras de sua carta:

— “Eu quero, se isso é possivel, affrontar o meu destino...”



Demosthenes, tendo nascido gago, punha-se á orla do mar falando ás ondas, com um seixo sobre a lingua, para corrigir-se do seu defeito.

Beethoven, para poder ouvir o que compõe, arma-se de uma varêta acustica, e, pondo uma das extremidades da haste em contacto com o piano e a outra extremidade na bocca, recebe entre os dentes as vibrações das cordas que faz pulsar sob os dedos.

## V

Recolheu-se então o grande musico á solidão, e adquiriu aquelles habitos de vida errante pelos campos, vagueando ao sol e á chuva, de cabeça descoberta, com os bolsos recheiados de papel pautado. Alli levava elle, naquelles bolsos, os seus rascunhos inseparaveis :—os rascunhos de suas obras immortaes ! Fazendo applicação a si de uma phrase que Schiller põe na bocca de sua “Joanna D, Arc ., .”, dizia elle, quando lhe tocavam naquelles rascunhos : “Não posso me apresentar sem o meu estandarte ., .”

Na sua juventude, tivera algumas velleidades de elegancia. Na madureza, porém, a molestia, a pobreza, o trabalho varreram aquellas preocupações.

Na vespera de um concerto memoravel, sabendo que Beethoven ia dirigir a “Nona symphonia ., .”, com um costume verde garrafa, observou-lhe com profunda pena o seu amigo Schindler :—“Oh, grande mestre, nem sequer um parelho de roupa preta tens ! ., .”

Quando sahia á rua, sem chapéu, com uma barba de muitos dias, uma cabelleira em desordem, vestido com um casaco e umas calças de pelle de cabra, as crianças apontavam-no, gritando : “Olha Robinson Crusóé ! ., .”

Taciturno, lá ia o musico para a suprema liberdade dos campos, para o seio da Natureza virginal, em busca dos seus themas. Era nos ermos, em longas meditações debaixo dos castanheiros ou sobre a relva á beira dos regatos, que se fazia naquelle cerebro a gestação de suas obras-primas. A' noite, ao luzir das primeiras estrellas, vinha o solitario de volta para casa, com a sua colheita feita.

A' criada que lhe abria a porta, certa noite em que chegou mais tarde do que de costume, dizia elle ao entrar, sem dar attenção á surpresa da pobre mulher :—“Afina! . . . achei o meu “motivo ., .”. Era esse o mesmissimo homem que concebeu a primeira idéa da “Symphonia Pastoral ., .”, sentado, sob uma chuva diluviana, num campo dos arredores de Vienna !



## VI

Não é, pois, de admirar que, em tudo, fosse Beethoven o menos trivial dos homens que têm pisado a face do planeta.

Costumava dizer: «Em sociedade, sou como peixe na areia».

Espirito sonhador e cavalheiresco, entusiasmara-se com as victorias militares de Bonaparte, em quem via um palladino da liberdade e o implantador da ordem dentro das fronteiras da França atormentada. Decidira por isso, prestar homenagem fidalga ao maior dos capitães, dedicando-lhe a «Symphonia Heroica». O hymno de gloria que consagrara a Marte, pela voz clangorosa das fanfarras da orchestra, bem se pudera comparar aos cantos de Tyrteu.

Achava-se a obra já concluída e a partitura com o endereço de Pariz, quando chega aos ouvidos de Beethoven a noticia de haver o primeiro consul feito proclamar-se imperador. Tremulo de decepção dirige-se Beethoven para casa, abre a gaveta que continha o manuscrito, desenrola a partitura, e dilacera nervosamente a pagina da dedicatória, com este brado de indignação: «Está feito, não passa de um ambicioso como outro qualquer».

Neste arranque de colera, sem o mestre o pensar, ia a sua desforra contra o acto daquelle mesmo Bonaparte que, em 1809, depois da tomada de Vienna, fez explodir as minas diante da casa onde morava Beethoven, para destruir as obras de fortificação da cidade.

Com Goethe encontrou-se Beethoven em Teplitz, na Bohemia.

—«Travei conhecimento com Beethoven em Teplitz, escrevia o autor do «Fausto». Seu talento causou-me assombro. . . »

Naquella estação de aguas, frequentada por príncipes e grão-senhores, esse encontro deu motivo a uma das expansões mais características do genio sobranceiro de Beethoven. É um padrão bem curioso de sua indole, avêssa a tudo que lhe não parecesse sincero, e que condemnava no que se chamam convenções e conveniencias sociaes. Refere o caso elle proprio, com esta singeleza:

Os reis e os príncipes podem fazer professores e conselheiros secretos; podem cumulal-os de titulos e condecorações; porém não podem fazer grandes homens, espiritos que se elevam acima do lodaçal humano; e quando dois homens estão juntos como eu e Goethe, esses senhores devem sentir a nossa grandeza. Hontem encontramos em caminho toda a familia imperial. Vimol-a ao longe. Goethe deixou o meu braço para collocar-se a beira do caminho.



Por mais que eu lhe dissesse e fizesse, não consegui obrigá-lo a um passo mais. Enterrei então o meu chapéu na cabeça, abotoei a sobrecasaca, e, com os braços atrás das costas, metti-me pelos grupos mais compactos. Príncipes e cortesãos abriram alas; o duque Rodolpho tirou-me o chapéu, a imperatriz foi a primeira a saudar-me. Os grandes conhecem-me. Para divertimento meu, vi o cortejo desfilar diante de Goethe. Elle estava á beira do caminho, profundamente curvado, com o chapéu na mão. Censurei-o depois; nada lhe perdoei. . .

## VII

Outros traços do seu character:

Num processo que sustentou em juizo, convidando-o o presidente do tribunal a exhibir os titulos de nobreza em que se fundava para deduzir o seu direito, respondeu o illustre litigante com um simples gesto, apontando para o coração e para a cabeça.

Ao irmão boticario, ingrato e grosseiro, que passeava a sua enfatuada pessoa de carruagem pelas ruas de Vienna e que se contentára com lhe mandar, quando enfermo, elle Beethoven, um cartão de visita com a rubrica: João van Beethoven, «proprietario»—devolvia elle como reprimenda o cartão recebido, escrevendo no dorso: Luiz van Beethoven, «proprietario de miolos».

Senhor absoluto da technica de sua arte e perfeitamente conscio das innovações que nella introduzia, Beethoven sobrepunha-se a toda critica de escola. Certo dia, apontando-lhe discretamente um amigo, no final de um de seus quartettos, umas quintas que lhe não cheirava a odor de santidade, Beethoven, tocado no seu orgulho de artista, perguntou:—«Mas, muito bem. . . Quem é que prohibe essas quintas?» A resposta foi:—«Marpurg, Kirnberger, Fuchs, todos os tratadistas da materia; era uma regra fundamental de theoria».—«E «Eu» permitto as quintas»—retrucou simplesmente o mestre.

Refere Ries que, assistindo ao primeiro ensaio da «Symphonia Heroica» ao lado de Beethoven, por um triz não recebeu delle um tapa, quando em certo momento exclamava, sem o querer:—«A trompa se enganou.»

Em moço, nunca poude Beethoven dansar em compasso. Era estouvado nos movimentos, quebrando frequentemente os objectos que tocava; muitas vezes o seu tinteiro entornou-se sobre o seu piano. Não tinha hora certa para as refeições, sustentando a doutrina de que só se deve comer quando se tem fome. A' mesa, era parco—agua, um pouco de vinho de Ofen ou alguma cerveja, e á noite, de-



pois do jantar que lhe era servido com os restos do almoço, um cachimbo atestado de tabaco. Sua predilecção era pelo café, de cujo preparo elle proprio se occupava, como de um negocio da maior relevancia: para cada chicara eram-lhe necessarios sessenta grãos torrados, que elle contava um a um, afim de que fosse para a cafeteira a medida exacta. Trabalhava até á hora do jantar, deitando-se ás 10 horas e pondo-se de pé ao canto dos gallos. Lia com amor Shakspeare, Homero, Platão. Mudava-se a miudo de uma para outra casa, tendo tido por vezes até quatro alugadas, afim de esquivar-se da vista dos importunos. Poucas pessoas viram Beethoven sorrir.

### VIII

Nos ultimos tempos, o trabalho da composição torna-se-lhe como se fosse um parto doloroso do espirito. Quando agora compõe, dir-se-ia que está possuido de um furor divino: agita-se pela casa, canta, grita, sapatea no soalho, imita os fremitos da orchestra, marca o compasso com os pés e com os punhos, traduzindo em mimica toda a sua obra. . . Em baixo a criada, e ao lado os vizinhos--julgam que está louco.

Alludindo a estes momentos em que a Musa o visita, diz elle:

—«Da forja da inspiração deixo escapar a melodia. . . Arquejante, persigo-a, apanho-a. Ella voa de novo, desaparece, mergulha numa multidão de emoções diversas. . . Attingo-a ainda. Num raptó fogoso, assenhoreio-me della com delirio; nada m'a poderia mais arrebatár, multiplico-a em todas as modulações, e por fim—saio triumphante. «Eis ahí a symphonia».

Ahi está—na symphonia—o reinado indisputavel de Beethoven. E' um cosmos portentoso de idéas a sua musica. . . Por seu poder, seu brilho, sua grandeza, sua magnificencia, attingiu ella a uma sublimidade tal, que poz tudo para trás numa penumbra apagada.

O sentimento que anima a obra do compositor é tão nobre e tão puro, a exposição de suas idéas é tão soberba e tão majestosa, sua paixão tão intensa, tão abrazadora e tão pungente, sua orchestra tão rica, tão variada, tão magnifica em seus surtos grandiosos,—que a Beethoven só se pode dar o logar que merece entre Shakspeare e Miguel Angelo, na historia do pensamento humano.



## IX

Vêde-o agora, nos ultimos annos. . .  
Rochlitz, que o viu, dá-nos delle este retrato:

— «Se eu não tivesse sido prevenido, o seu olhar me teria posto em confusão, tanto quanto o seu vestuario em desordem e um pouco rustico, e os seus cabellos revoltos, cahindo-lhe ao redor da cabeça. Imaginae um homem de cincoenta annos, de pequena estatura, um pouco arcado, mas de apparencia robusta, singularmente ossudo, com uns olhos brilhantes em que transparece a preocupação intima do espirito, e cujo olhar fixo vos atravessa. Nenhum movimento na expressão do rosto, nem nos seus olhos tão cheios de vida e de refulgencia; um mixto de bondade natural e de timidez. Em toda a sua figura e na sua attitude, essa tensão inquieta para escutar, particular aos surdos, muito sensiveis. Uma palavra jovial, atirada com desembaraço, á qual succede um profundo silencio. Accrescente-se—a isto—aquelle pensamento, que não nos sae um instante da cabeça, ao vermo-nos assim de frente delle: Eis aqui o homem, que arrebatava em extases ineffaveis a milhões de seus semelhantes!»

## X

Beethoven envelhecia. Sua saúde declinava.

Surdo, pobre, alquebrado pelas tempestades da vida e pelo seu trabalho titanico, passou Beethoven, nos ultimos tempos, a frequentar a bodega dos «Dois Camellos», celebre em Vienna, e outras furnas de intemperança.

—«Sedebat et bibebat»,—affirmou o seu medico.—  
«Levava o tempo sentado. . . e bebia».

Beethoven afogava-se em veneno!

Ao fim de um outono passado em Gneixendorf, perto de Vienna, na propriedade de seu irmão João, tendo-lhe recusado o seu irmão um vehiculo fechado, para o seu regresso á capital, apanhou Beethoven um resfriamento no carro aberto que o transportou, e o seu organismo combalido cedeu pelo ponto de menor resistencia.

Declarou-se a ictericia, com ascite e edema dos membros inferiores; e dias depois, sobre o seu catre de pobreza em que era incommodado pelos percevejos, succumbia Beethoven em consequencia de uma cirrhose do figado, a cirrhose atrophica de Laennec.

No momento em que o grande musico exhalava o ultimo suspiro, desencadeava-se sobre Vienna uma pavorosa tempestade. . . E foi, assim, á luz dos relampagos e ao ribombo dos trovões, que se immobilizou para sempre sobre



o travesseiro mortuario aquella cabeça admiravel, que tantas vezes tem sido talhada no marmore pelos maiores esculptores e reproduzida na téla pelos mais illustres pintores, com a fronte ampla e poderosa emmoldurada nos cabellos em desalinho e, espalhada sobre a face, aquella tristeza soberana dos genios e dos heroes.

Alli jazia fulminada a grande Aguia da Orchestra. Tinha Beethoven concluido a sua obra «*monumentum aere perennius*».

*Ezequiel Ramos Junior.*





## Como devem ser feitos os dictados

Tenho observado, em minhas visitas de inspecção ás escolas, que os exercicios de dictado são feitos sempre de improviso, escolhendo o professor, de preferencia, um trecho que a classe não espera e, as mais das vezes, não conhece. E para que a classe toda possa acompanhar o exercicio, o professor vae dictando pausadamente, palavra por palavra, repetindo varias vezes e syllabando cada vocabulo: durante . . . du ran te o reinado rei na do . . . etc.

Em alguns logares esse trabalho é feito em papel; em outros, porem, falhos de recursos, e aonde a população é muito pobre, continúa e continuará por algum tempo ainda o uso das lousas.

Nas escolas em que isto se dá, terminado o exercicio e feita uma rapida correcção, apagam-no os alumnos.

Vejam, em qualquer das hypotheses, quaes os resultados desses trabalhos.

Não tendo ainda a criança a imagem graphica da palavra, é levada a escrevel-a de accordo com a impressão phonica recebida, si se trata de palavra extranha ao seu vocabulario habitual; e si se trata de termo de seu uso frequente, de accordo com a propria pronuncia, muitas vezes viciosa. Em qualquer dos casos propende sempre para o erro, escrevendo com *s* o que devêra ser com *ç*, com uma consoante só palavras de consoantes gemminadas, etc. Duas tendencias muito sensatas e muito logicas arrastam a criança para o erro: a de graphar phoneticamente os vocabulos e a de emprestar a cada consoante um invariavel e unico valor. E como lhe falta o desenvolvimento mental necessario para desconfiar de si mesma, do seu ouvido ou da sua pronuncia, exclue ou despreza ou mesmo desconhece a possibilidade de errar. Escreve quasi sempre com convicção ou, pelo menos, desinteressada dos erros que possa commetter. E, terminado o exercicio, terá sua memoria registrado cada erro, ignorante de que o é, sob quatro aspectos differentes: ouviu errado, pronunciou errado, leu errado e escreveu errado.

A creança da zona rural, por exemplo, pronuncia geralmente *nois* em lugar de nós. Aparecendo esse vocabulo em um dictado, ella ouvirá *nois*, porque é essa a sua pronuncia habitual; pronunciará novamente, emquanto escreve, *nois* (costume generalizado entre as crianças); escreverá *nois* e lerá *nois*.

Esses quatro factores mnemonicos da graphia erronea determinam uma tendencia accentuada de reproduzil-a sempre.



Si o exercicio foi feito em lousa e immediatamente apagado pela necessidade de occupal-a para outros trabalhos, não ha fugir a este pessimo resultado.

Mas sendo feito em papel, dirão, fará o professor correccões cuidadosas e o alumno reconhecerá seus erros.

Suppondo que quizessemos evitar mais delongadas objecções, responderiamos, mesmo assim, que é sempre de melhor aviso prevenir que emmendar e que um acto praticado tende a repetir-se, transformando-se em habito. Mas vamos alem e estudemos como são feitas as correccões.

Os professores mais felizes na escolha do systema de correccões escrevem o trecho dictado no quadro negro, determinam que os alumnos permutem entre si os cadernos e passem um traço de lapis sob cada erro encontrado, escrevendo as respectivas palavras correctamente, na margem deixada em branco para esse fim.

Teria esse systema a desvantagem de não corrigir cada alumno os seus proprios erros, quando è certo que elles differem de uns para outros de conformidade com a variação dos vicios de pronuncia e com a variação das potencias de memoria visual, predominante em certas organizações mentaes e quasi apagada em outras. E assim acontecerá que muitos alumnos deixarão de observar quasi todos os erros que praticaram.

Mas, objectarão, as provas voltam depois a seus donos e cada um poderá observar os proprios erros.

A isto responderemos que á creança interessa pouco corrigir-se, porque não comprehende que importancia possa haver na troca de um ç por um s ou na omissão de um simples *h*, desde que se possa ler do mesmo modo a palavra, escrevendo-a de uma ou de outra maneira.

E quasi sempre não é bem este o caso. Cingem-se os professores a determinar que as palavras graphadas viciosamente sejam apenas assignaladas pelo proprio alumno ou por um collega com um traço passado inferiormente. Neste caso prende o alumno sua attenção á quantidade de erros, passando-lhes desapercibida a qualidade dos mesmos. Sabe que errou, mas, quando houver de outra vez graphar a mesma palavra, errará de novo.

Suppondo ainda uma outra hypothese, a da correccão ser feita pelo professor, verifica-se que a inconveniencia augmenta na proporção que o resultado diminue. O trabalho é mais penoso e menos effcaz. Encontrei um professor que paciente e escrupulosamente levava para casa todos os cadernos e com o maximo cuidado assignalava a lapis vermelho todos os erros, mesmo os mais insignificantes, escrevendo á margem as correccões. Neste caso, revendo depois os seus trabalhos, os alumnos corrigiriam a impressão visual da palavra, mas conservariam, ainda assim, uma viciosa lembrança dos movimentos necessarios para escrevel-a. E quando, dias depois, houvessem de graphar novamente o vocabulo, teriam uma probabilidade de acerto contra duas de erro. Examinando as collecções de cadernos des-



se professor, repletos de dictados, observei uma media de 15 erros em cada pagina, repetindo-se frequentemente, de começo a fim de cada caderno, identicos enganos.

Qual o resultado daquelle paciente e fatigante labor do mestre? Nenhum. Antes pelo contrario: com a repetição constante dos mesmos vicios, a classe se foi habituando com as graphias erroneas. De onde se infere que taes exercicios eram mais condemnaveis que proveitosos. Si o professor mandasse ao menos que no dia immediato ao de cada dictado fosse o mesmo passado a limpo, desappareceria em parte o inconveniente. Mas mesmo assim, á força de graphar alternativamente com erro e com acerto as mesmas palavras, o alumno sentir-se-ia depois em duvida cada vez que houvesse de escrevel-as.

Até agora analysamos apenas os casos dos differentes systemas de correccões. Mas um avultado numero de professores, os de escolas isoladas, principalmente, ou por excesso de occupações, ou por se julgarem desobrigados de quaesquer preoccupações escolares fóra das horas regulamentares, contentam-se com dar notas ou passam mesmo sem ellas. E' o caso em que os exercicios de dictados tornam-se inteiramente desaproveitados, ou melhor, inteiramente condemnaveis.

Entretanto, o dictado é o melhor, o mais adoptado exercicio para a fixação das boas normas orthographicas. E, como taal, se torna indispensavel. As consecutivas e infructiferas reformas orthographicas ensaiadas entre nós accrescidas á já não pequena balburdia do systema mixto e tudo isso accrescido á peccaminosa e damnosa incuria de velhos e moços, de alumnos e mestres, pelos interesses da lingua, tem derramado no campo desse precioso factor de conservação do idioma—a orthographia,—a mais completa das anarchias. E' quasi impossivel encontrarmos dois documentos, mesmo litterarios, de autores diversos, em os quaes todos os vocabulos sejam graphados uniformemente. E valendo-se do uso simultaneo dos varios systemas phoneticos, etymologicos e mixtos, grapham desassombradamente, sem escrupulo e sem busca de nenhuma base, incluindo-se em o numero dos que assim procedem quasi todos os que, pelos estudos que tiveram, deveriam dar exemplo de maior zelo. Nenhuma força coercitiva busca impedir a degeneração de uma das linguas mais ricas e mais lindas. Ella resvaia apressadamente para a diversificação em rústicos dialectos. Aonde iremos preparar si a escola primaria desinteressar-se completamente da questão???

Não ha orthographia official assentada em regras seguras ou normas afiançaveis; mas não importa: procure ao menos a escola primaria fixar as graphias que o uso mais corrente e mais antigo homologou.

Bases, leis, orientações, nada existe que todos aceitem; a norma que é seguida pelo maior numero tem força de lei; sirva ao menos isso de estribo para que se não desça para um m acabado labyrintho.



Pois bem, o mais proveitoso exercicio para fixação das boas normas orthographicas é o de dictado. Mas para que produza bons resultados, necessita sempre de preparo previo. Escolherá o professor o trecho a ser dictado, fazendo com que todos os alumnos abram o livro naquella pagina, lerá vagarosamente o trecho, demorando-se em considerações a respeito de cada palavra cujas difficuldades orthographicas possam merecer attenção. Essas considerações serão feitas de conformidade com o desenvolvimento mental da classe. Si se trata de alumnos de primeira ou de segunda serie, ellas consistirão num simples chamamento de attenção, fazendo a classe reparar, por exemplo, que mamifero deve ser escripto com *m*; que a palavra dictado tem um *c* antes do *t*; que a palavra casa escreve-se com *s* e não com *z*. Tratando-se de classe mais adiantada, um bom quarto anno de grupo, por exemplo, podem ser estudadas as raizes mais facéis das palavras e por meio dellas as familias de palavras. Ao encontrar a palavra *cephalalgia*, explicaremos que tal vocabulo é formado por dois outros de origem grega: *cephalo*=cabeça e *algia*=dor. Mostraremos então que *cephalo* entra na composição de muitas outras palavras, sempre com a mesma graphia e o mesmo sentido: *microcephalo*, *macrocephalo*, *escaphocephalo*, *acephalo*, *cephalite*, etc; e que o mesmo se dá com *algia*: *neuralgia*, *myalgia*, *odontalgia*, *odontalgico*, etc. Assim, ao mesmo tempo que chamamos a attenção da classe para a orthographia do vocabulo, explicamos a significação do mesmo, e fim de o tornar perfeitamente conhecido e dominado. A proporção que o professor vai tomando as palavras para as necessarias explicações, pode escrevel-as no quadro negro.

Só depois desse escrupuloso preparo o trecho deverá ser dictado, havendo então todas as probabilidades de serem as palavras escriptas correctamente. O dictado deve ser feito em voz natural, phrase por phrase, ou membro por membro da phrase, quando esta for demais extensa.

Durante o exercicio, quando o professor enunciar qualquer das palavras sobre as quaes fez referencias, os alumnos attenciosos associarão a imagem auditiva ás recommendações ouvidas ou, pelo menos, á lembrança de que ella está escripta no quadro negro.

Aos que objectarem que o exercicio assim preparado perde o valor, porque não apresenta mais difficuldades, responderemos que trata-se apenas de formar habitos, os quaes começam com os primeiros actos. E o habito de escrever correctamente só poderá ser formado fornecendo o professor á classe imagens visuaes, auditivas e musculares correctas das palavras. E a pratica que aconselhamos, alem de visar a formação desses habitos, visa tambem o aguçamento da observação. Dentro de algum tempo o alumno, de si proprio, nos exercicios de leitura, irá sabendo observar as difficuldades orthographicas de todas as palavras que ler.

Uma vez por semana, entretanto, poderá o professor realizar uma especie de sabbatina, dictando um trecho qualquer desco-



nhecido, ou dictando mesmo palavras isoladas extrahidas dos trechos dictados durante a semana, e assim avaliará o aproveitamento da classe. Este exercicio semanal, adquirindo o aspecto de um certamen, tem a enorme vantagem de despertar uma benefica emulação na classe. E os erros que nelle commetterem os alumnos difficilmente serão repetidos. Para melhor assegurar este resultado, poderá o professor determinar que cada alumno escreva depois, cinco ou dez vezes, cada palavra escripta com erro durante o dictado.

*Rubens de Carvalho,*

Sub-Inspector do Ensino.

X



# AS ABELHAS

(Versos para escola)

Por estas manhãs vermelhas,  
De lindo Sól criador,  
E' um gôsto ver as abelhas  
Voando de flor em flor...

Ziguezaguêam, zumbindo,  
Zangãos, em zanga, em zum-zum...  
Fogem, em furia, fulgindo,  
E vão e vem, de um em um.

Emquanto a abelha abençôa  
O mel que colhendo vae,  
O zangão revôa, á tóa,  
E, a voejar, se distrae...

Vae e vem, levando a vida  
De preguiçoso zangão...  
E as abelhas cansam na lida:  
Quando umas vêm, outras vão...

Gêa, depois, nos caminhos...  
Zangãos, em zanga, em zum-zum,  
Do concheço de seus ninhos,  
Têm que sahir, de um em um...

São expulsos de seus lares,  
E andarão de cá p'ra lá.  
Em vão cruzarão os ares:  
As flores são mortas já!

Findarão de fome e frio,  
Sem um ninho onde bater.  
Não trabalharam no Estio!  
Agora têm que morrer!

Curityba, 22--11--921.

*Francisco Leite.*



## INSPECÇÃO MEDICO-ESCOLAR

### Molestias e affecções mais communs nas escolas

De um modo geral não se deveriam encontrar molestias e affecções nos escolares, quer pelo attestado de saúde a que deviam estar sujeitos por ocasião da matricula, quer pela fiscalisação a que devem ser submettidos posteriormente.

Está affecta, nos paizes e estados bem organisados, ao serviço de inspecção medico-escolar, hoje e cada vez mais necessario, sendo prova disso sua creação por toda a parte em que os Governos comprehendem seu alcance pratico.

Não obstante aquellas medidas preventivas ha escolares portadores de molestias e affecções, agudas umas, outras chronicas, estas mais communs do que aquellas e por isso preferidas para assumpto deste artigo.

Da leitura e observação pessoal, embora esta ainda limitada a 4.000 escolares, podemos deduzir serem as anemias e as dermatoses que figuram em primeiro logar d'entre as numerosas molestias e affecções proprias do periodo escolar.

E' claro que a frequencia das molestias communs nas escolas varia conforme o clima, a cathegoria da frequencia, as estações e outros factores, mas, alóra essas variantes, que não devem ser consideraveis, são as anemias que occupam o primeiro logar, ao menos em nosso meio. Aqui, apesar do clima temperado, da ausencia de profunda miseria, se observam numerosas crianças anemicas na idade escolar.

As anemias são em geral consequencias secundarias de causas numerosas. Dentre as principaes e mais frequentes nos escolares citaremos: 1) más condições de alimentação e hygiene, justamente numa época em que, ao crescimento, se vem juntar o trabalho intellectual; 2) perturbações gastro-intestinaes, taes como a dyspepsia, a constipação chronica, que na maior parte dos casos se reúnem ás



outras causas, constituindo o que se designa pela expressão — anemia de crescimento; 3) affecções das vias respiratorias, dentre as quaes avultam as vegetações adenoides; 4) molestias infectuosas chronicas, principalmente a heredo-syphilis e a tuberculose; 5) as molestias infectuosas agudas; 6) os vermes intestinaes, causa frequente, que como tal poderia figurar em primeiro logar.

São symptomas evidentes e transparentes de anemia: — a pallidez da cutis e das mucosas visiveis, debilidade geral, apathia, perturbações circulatorias; são signaes confirmativos, constatados pelo exame do sangue, as modificações de sua composição, quer quanto á fórmula hemo-leucocytaria, quer na proporção de hemoglobina.

Quanto ao tratamento, naturalmente varia consoante a causa determinante da anemia; ha preceitos geraes cabiveis em todos os casos, taes a conveniencia do ar oxygenado dos campos e montanhas em certas fórmulas, a do ar marinho em outras; a necessidade de boa e adequada alimentação, a hydrotherapia, a heliotherapia; como medicamentos, os saes e preparados ferruginosos e arsenicaes, a quina, alem dos exercicios proporcionaes e adaptaveis ás forças de cada doente.

Dermatoses são todas as molestias da pelle, quer se localisem em sua superficie (epizoonoses), quer em sua espessura (dermatozoonoses). Conforme condições de clima ou de desasseio, predominam estas ou aquellas.

As dermatoses mais communs nos escolares, em nosso meio, são: a pediculose ou molestia produzida pelos piolhos; a erupção escabiosa ou sarna, determinadas pelo *acarus scabiei*; ambas só se encontram em individuos desasseiados.

E' a pediculose, infelizmente, ainda muito communmente encontrada em nossas escolas, sendo necessaria uma acção energica e conjuncta dos professores e medicos-escolares para, senão acabal-a, ao menos reduzil-a a proporções insignificantes.

Para que a pediculose não figurasse mais nas estatisticas das molestias escolares, seria preciso que todos estivessem convencidos da vergonhosa immundicie que ella significa; mas, é doloroso confessar, ha ainda muita gente para quem o banho, o asseio do corpo e da roupa, não constitue uma necessidade e um dever comeseinhos.

Não procede a allegação de falta de agua e de recursos: os passaros, muitas aves e outros animaes nos dão



o exemplo de meticoloso asseio, apenas com um pouco d'agua e... vontade de banhar-se.

Caracterisa-se a pediculose pelo prurido na cabeça, quando produzida pelo *pediculus capitis* e no corpo quando provocada pelo *P. vestimenti*. Alem do prurido, localizado de preferencia na parte posterior do couro cabelludo, ahi se encontram as lendeas, que são os ovos dos parasitas, ou os proprios insectos: basta a constatação da lendea para se poder diagnosticar: — pediculose.

Alem de repugnante e contagiosa, offerece a pediculose outros perigos, taes a possibilidade de propagação do impetigo (outra affecção da pelle, tambem commum nas escolas), servir de porta de entrada aos bacillos da tuberculose e, provavelmente, a outros bacillos (o da lepra por exemplo).

Os piolhos do corpo, menos communs, são agentes provados da transmissão do typho exanthematico.

Nos meninos, em que a pediculose não é tão frequente como nas meninas, é facil a extincção do mal com o simples cóрте dos cabellos (que aliás deviam estar sempre cortados rentes), que será feito com a machina n.º 1, lavando-se em seguida a cabeça ou nella fazendo uma fricção com petroleo.

Tratando-se de meninas, cujas cabelleiras predispõem á pediculose e lhe difficultam o tratamento, se usam diversos meios, sendo mais praticos e economicos: o emprego de partes iguaes de oleo de oliveiras e petroleo para applicar á noite, envolvendo a cabeça em um panno e lavando-a no dia immediato com agua mórna e sabão; ou a pomada mercurial simples, nas mesmas condições.

Contra as lendeas se usa o pente fino, que se embebe em vinagre quente.

A sarna é mais commum nos climas quentes do que nos temperados, altamente contagiosa e caracterizada por intenso prurido no corpo, principalmente á noite e escoriações caracteristicas na pelle, particularmente entre os dedos e nas dobras do pulso e do cotovello.

Evita-se a sarna pelas habituaes praticas de asseio do corpo e do vestuario.

Para combatel-a se adoptam varios processos de tratamento, desde a simples ensaboagem vigorosa e repetida do corpo com sabão de alcatrão e enxofre, até a applicação da classica pomada de Helmerich (ou melhor a de Hordy



para crianças) deixando-a permanecer de 12 a 24 horas, seguida de outro banho. Excusado seria acrescentar ser indispensavel a mudança completa e diaria da roupa e repetição do tratamento, até completa cura.

Dr. *Mario Gomes,*

Inspector Medico-Escolar.





## AMERICA LATINA

Em torno do termo *util*, gira hoje todo o philosophismo de um povo,—dos norte-americanos, os mais genuinos representantes da philosophia da acção, os implantadores, em todos os ramos da actividade humana, do praticismo de nossos dias. Foi talvez devido a essa leição, de tudo emprehenderem *propter aliquam utilitatem*, que Le Bon cognominou-os de romanos do futuro, não sei se incluindo na prophesia, o *Tu regere imperio populos*, virgiliano . . .

O facto é que essa attitude de espirito ressuma de todas as suas acções, até mesmo daquellas que parecem as altruisticas. E foi graças a ella que o sol symbolico, que em 76 illuminou os alcantis dos montes Rochosos, logrou subir e projectar seus raios até o Velho Mundo. Essa ascensão triumphal, previu-a, tambem, com segurança, a visão astronomica de um dos constituintes de 1789,—Franklin, que em uma das ultimas sessões, voltando-se para a poltrona do Presidente, atraz da qual se via pintado um sol nascente, observou a alguns de seus pares, que os pintores reconheciam ser bem difficil distinguir-se um sol que nasce de um sol que se põe.—«Quasi sempre, disse elle, nas vicissitudes de nossas esperanças e de nossos receios, acerca dos resultados das deliberações, litei essa pintura, sem saber dizer se o sol nellas se eleva ou declina. Tenho a felicidade de ver agora, que é um sol que raia, e não um sol que se extingue.»

Mas creio que nunca se deveria comparar uma nação a um sol . . .

A razão do prestigio dessa raça, nascida docemente embalada ao acalanto dos mais arrojados ideaes, na velha patria dos aztecas, reside justamente na diffusão das luzes do seu sol. Emquanto outr'ora os romanos marchavam para as conquistas, tudo assolando ao estrupido marcial de suas legiões, os descendentes dos puritanos fugitivos da Bretanha caminham hoje, para a conquista do pensamento do mundo, ao pacifico extravasar da Biblia e do dollar. Herdeiros dignos das nobres tradições da mãe patria, da qual conservaram, por um impulso natural, os pendores politicos, andaram avisadamente, procurando conhecer primeiro, para depois dominar. Assim, promoveram o estudo de todas as possibilidades e intercorrencias futuras, que as nações da america meridional poderiam offerecer, e fazendo, com intuitos praticos, o estudo



de suas condições economicas, penetraram nalgumas dellas, em nome de um principio, e ahi se conservam, ainda, em razão de algum fim ...

Emquanto outros assim andaram, nós continuamos a ser os mais ignorantes em cousas do nosso continente. O pensamento da America Latina, que ainda é, no fundo, o reflexo do baroquismo de ideias da Peninsula, sustentado na cornija do mais piedoso idealismo, é para nós um enigma inquietante, origem de desconfinças e receios mutuos. Os povos da America do Sul não se conhecem, senão atravez do formalismo protocolar das correspondencias de Chancellaria. Desconhecemos o valor material, intellectual, moral e até politico das civilisações novas que nos rodeiam. Não sabemos, as mais das vezes, em que assentam ellas a razão de sua prosperidade, o vigor de sua força intellectual, o segredo do seu progresso, os fins occultos de suas attitudes ou o exito de sua collocação internacional. Habituaados, desde os tempos da rude condição de feitoria das metropoles, a fazer com a Europa as nossas transações de toda a especie, esquecemos esta preliminar, — que somos a porção integrante de um continente para cuja grandeza, no futuro inevitavel do seu prestigio mundial, colaboramos consciente ou inconscientemente. Esquecemos, attentos ao dissidio, ao mexerico dos que nos querem separar que, se de um lado o Atlantico estende achanadas planuras, onde não só pascem os carneiros de Nereu, como navegam tambem os poderosos transatlanticos que nos ligaram ás velhas civilizações, de outro, uma vasta fronteira nos põe em contacto ininterrupto com oito jovens republicas onde a indole de uma raça, que historicamente concorreu connosco no scenario das maiores realizações, construe outras tantas civilizações, não menos importantes.

E entristece, entristece quando pensamos, que nellas visçam e floream, ignoradas, tantas sympathias e tantos impulsos cordiaes, que bem mereciam estimulados por nós e que, no calor do seu tropicalismo, estiolam-se e fenecem na dispnêa de seiva fecundante, os esgalhos dos melhores sentimentos de confraternidade.

Não lhes conhecemos a historia, senão nos topicos em que apparecemos, tambem, unidos pela fatalidade dos acontecimentos, ou separados pelo violento embate de luctas sangui-nolentas. E são episodios quasi sempre, que o acaso proporcionou, e que pela sua natureza de anormalidades occorrentes na vida das nações, não podem cimentar a concordia americana. Antes, servem de alluir ainda mais os alicerces da amizade que nos uniu no perigo, e a cavar o abysmo de um imaginario antagonismo de ideaes.

Não lhes conhecemos, tão pouco, a geographia, — esse termo de uma trilogia politica, essa feição material de qual-



quer agrupamento humano que, com o povo e o seu chefe constitue hoje um Estado. Não fazemos, sobretudo, o estudo de suas riquezas como preliminar preparo, para futuras relações de commercio. Ignoramos os estadios porque vae passando o pensamento irmão do nosso, no continuo evoluer do seu intellectualismo; não sabemos, enfim, nem a geographia das batalhas, que nossos antepassados ganharam, outr'ora, dentro de suas fronteiras . . .

Riachuelo, Tuiuty, Itororó, Laguna, Montes Caseros não figuram senão nos compendios de historia. Porque? Porque nem para figurar, como raridade de museo, se encontra hoje em nossas Escolas uma carta desses paizes, ou nas nossas bibliothecas, recheadas de livros francezes, um compendiozinho preliminar de sua geographia ou de sua Historia, para uma ligeira consulta. A curiosidade louvabilissima da criança não quer saber disso; quer antes saber onde embarcou Lopes as guarnições de sua esquadra; quer saber por onde tracejou sua estrada o valente Caxias, sob o fogo da metralha inimiga, quer saber esse caminho de dores, por onde transitou, outr'ora, a honra da Patria, conduzida pelo patriotismo do velho estancieiro do Bom Jardim. Outras vezes, voltando a intelligencia incipiente para as pacificas regiões do trabalho, nos inquirim sobre as zonas productivas, ou querem vêr as encruzilhadas que nos levariam aos corações desses povos amigos.

Não admira, entretanto, essa falta, se na rica bibliotheca do couraçado «S. Paulo» Alberto I não encontrou um exemplar da Constituição brasileira! Se só depois de Rio Branco, integralizando pela logica de suas eruditas exposições de motivos o territorio nacional soubemos até onde era dado ao machado brasileiro cortar, ao norte, uma arvore de mangaba, ou abater, ao sul, o ultimo pé de matte de nossos sertões.

Todos sabemos hoje, que a mesma prosperidade regional não tem unicamente por causa os phenomenos virtuaes de natureza interna. Ella soffre a acção conjugada de todas as condições que possam, directa ou indirectamente, influir sobre um mesmo continente, ou sobre o mundo inteiro. As relações de cidade para cidade, de communa para communa, de provincia para provincia e de Estado para Estado reclamam, assim, o conhecimento perfeito de cada um desses elementos.

E' um exemplo bem frizante o seguinte: logo depois da guerra teuto — universal, os E. Unidos da America do Norte desejavam aproveitar o collapso produzido pelo conflicto, nas relações commerciaes, para collocarem os seus productos. Precisavam de alguns milhares de caixeiros -viajantes para a America Latina. Exigiram o conhecimento do



português, do hespanhol e da geographia dos paizes americanos do Sul. Está claro que uma porção diminuta da nossa mocidade teria concorrido ao appello. Nós fazemos geographia, sem a visão ampla do futuro commercial, industrial, agricola, pastoril, social politico, enfim economico de todas as virtualidades possiveis desse amanhã, para onde a propria *vis inertiae* nos vae diariamente empurrando.

Fora de desejar, entretanto, que as nossas repartições de administração do ensino ou as Secretarias, ou os Almoxtarifados dos Ministerios estabelecessem um systema de permutas de obras didacticas, de livros de instrucção primaria, de monographias, de mappas regionaes isentos de dados compromettedores da nossa soberania, de compendios educativos e ellucidativos, de "films" interessantes, capazes de fomentar uma activa propaganda, constituindo um instrumento pacifico de approximação intellectual. A verba diminuta; que se despenderia com esse commercio, teria seu capital centuplicado pelos resultados beneficos, e seria accrescida ainda dos juros da amizade.

A diplomacia, de per si só, é uma teia por demais fragil para ligar tantos corações, que já agora começam a pulsar, por um mesmo ideal de confraternização. A amizade entre essas civilizações novo-latinas tem, fatalmente, de assentar sobre a mutua confiança, que nasce com o conhecimento das mais intimas aspirações; tem de repousar sobre os sentimentos disciplinados, e sem a educação destes sentimentos os instinctos dominarão despoticamente. Esse intercambio fecundo nos permittiria seguir de perto todos os progressos que fizessem esses povos, no dominio do pensamento e das actividades creadoras.

*Euclides de Lima.*

Lente da E. Normal de Pirassununga.





# A PRINCESA REDEMPTORA



Aquella princeza excelsa, prendada das mais ricas virtudes, que redimiu uma raça e guiou um povo, em tres regencias, para os destinos da gloria, já não existe. Desfez-se como um sonho a sua vida de santa, e o seu corpo sagrado, que o tempo conservou com aquellas feições serenas a retratar o serenissimo vultu de seu augusto pae, repousa agora, tristemente, num tumulo, ao lado dos dois filhos que, ainda moços, deixaram de existir.



Para os que a conheceram em vida, como para os que aprenderam a amá-la, depois do exilio de 89, Izabel, a Redemptora, parecia agora, depois destes 33 annos de ausencia e recolhimento em terras distantes, uma lenda envolta na mais suave das narrativas, cheia de episodios tocantes.

Foi preciso que a triste realidade da morte nos viesse tirar dos olhos da imaginação essa phantasia tão doce, para que, ferido o coração, pudessemos aquilatar a grande perda.



Sabíamos que um dia ella deixaria de existir para o tempo e que os seus 75 annos, depois de lhe coroarem a fronte de cabellos brancos, lhe tinham enrugado as feições suaves e curvado o corpo mirrado.

Comtudo, conservava o mesmo brilho nos olhos, o mesmo sentimento de fé e de amor pela terra que tanto adorava, o mesmo carinho pelos pobres e infelizes, a mesma lucidez de espirito que caracterisava seus actos de justiça. Parecia que a vida ainda estava longe do seu fim. Cessado o reumatismo que a impossibilitava de andar e a fazia soffrer muito, diziam seu illustre esposo e seu filho, viria descançar os ultimos momentos de seu occaso glorioso na terra das palmeiras, a cujas sombras brincára nos verdes annos da infancia, fitando o immenso mar de Guanabara, espelho de sua alma ampla para a liberdade e para a luz.

Não quiz, porem, o Destino, que se cumprisse essa prophecia. Tinha consentido, com a revogação da lei que a exilára, a sua redempção para a terra que um dia redimira da mancha da escravidão. Estava, assim, escripta a ultima pagina de sua incomparavel vida de gloria e de soffrimento. E fez-se o ponto final.

A santa princeza que ora succumbe, encarnação viva da mulher brasileira, modelo de rainha, esposa e mãe, tinha pela sua terra natal um amor que só os justos sabem comprehender.

Expatriada, nem por isso perdeu o sentimento patrio, antes nella se accendeu cada vez mais o fogo do civismo para que o berço distante, separado pelo Atlantico, estivesse sempre junto como parte integrante de seu proprio ser.

Todos quantos transpuzeram os vetustos aposentos do historico Castello d'Eu, tiveram oportunidade de encontrar ahi, na vida intima de uma familia de principes, um pedaço da patria distante. Dir-se-ia um lar brasileiro, transplantado para alem mar, sem perder nenhum dos caracteristicos que compõem a sua feição e a sua tradição.

Educada na religião christã, em cujas doutrinas o seu coração se formára para o justo e para o bom, conservou em toda a sua vida essa fé que retempera as energias mais combalidas.

Apeada do throno, e sem direito para viver na terra que conhecêra desde o primeiro dia do seu destino, recolheu-se ao silencio que substituiu o ruido de suas pompas, para cuidar dos filhos e dos netinhos.

Assistiu com verdadeiro estoicismo á morte de dois filhos; aquelle coração que experimentou golpes sobre golpes, conservou o mesmo alento para a vida, sem deixar escapar uma unica queixa.



O seu desaparecimento estremeceu o Brasil do norte ao sul. Teve o condão de despertar o passado de nossa historia politica, revivendo factos e vultos que os homens de hoje e de amanha não podem esquecer.

“Recordemos, diz illustre chronista, (1) esse passado que já se foi, e que estando tão longe, parece que está tão perto, porque boa parte delle emmoldura a figura distincta dessa Princeza que terminou sua passagem pela terra, para reviver gloriosa e grande nas paginas mais esplendentes da nossa historia patria

Recordemos . . . porque essa recordação é um dever de patriotismo e é uma lição ás gerações que surgem, precisando conhecer que os nossos horizontes politicos já foram bem mais amplos, sem as penumbrosidades que hoje em dia nos obscurecem . . .

Era em 1871; o Imperador se preparava para a sua primeira viagem á Europa. Vinhamos de uma longa guerra, que apenas estava terminada, e na regencia ficaria uma nobre dama, muito moça, inexperiente, (pois tinha 26 annos) apesar da sua cultura aprimorada.

A opinião publica estava profundamente alarmada, como era natural, porque alem da crise financeira que agitava o paiz em virtude da campanha do Paraguay, a corrente abolicionista crescia, avolumava-se espantosamente.

Por espirito de bairrismo, aliás um tanto exaggerado, temia-se a influencia do seu esposo, o sr Conde d’Eu, cujo prestigio augmentara, por occasião do seu regresso triumphante, de uma guerra em cuja ultima phase, a campanha das Cordilheiras, elle fôra o commandante em chefe.

Discutia-se o velho thema da escravidão.

Aliás, quaesquer influencias eram desnecessarias, porque toda a familia imperial era abolicionista; os proprios principes, meninos, tinham um jornalzinho, feito a penna, em Petropolis, batendo-se por esse ideal. E o Sr. Conde d’Eu, por sua vez, tinha idéas definidas a respeito, como se prova com a carta que elle escreveu a 12 de Setembro de 1869 ao governo provisorio do Paraguay, que motivou o Decreto de 2 de Outubro do mesmo anno, pelo qual o governo daquella Republica aboliu a escravidão.

Nesse importante documento ha este topico interessante:

“Si lhes concedeis a liberdade que elles imploram (os escravos), rompereis solemnemente com uma instituição, que foi desgraçadamente legada a varios povos da livre America por muitos seculos de despotismo e de deploravel ignorancia.”

Oradores da envergadura intellectual de José Bonifacio proclamavam no Parlamento:



“Senhores, reuni todas as recordações que vos são caras! E’ a soberania nacional que vos supplica, é a democracia que se dirige a uma Camara de liberaes. O amor da liberdade deve ser, na phrase biblica, invencivel como é a morte; deve, como o apóstolo, ter a sêde do infinito; deve ser grande como o universo que o contem. Em nosso paiz, na pedra isolada do valle, na arvore gigante da montanha, no pinCARO agreste da serrania, na terra, no céu e nas aguas, por toda a parte, Deus estampou o verbo eterno da liberdade creadora na face da natureza, antes de graval-o na consciencia do homem!”

O momento, pois, era critico, em virtude das duas correntes oppostas, que se degladiavam na tribuna das duas camaras e na imprensa.

O governo só dispunha de 63 votos, numa camara de 125 Deputados.

Cogitava-se da lei do Ventre livre.

Contra o governo, entre muitos nomes de valor, destacavam-se José de Alencar, Ferreira Vianna, Andrade Figueira e Perdigão Malheiros. Ao passo que, a favor, destacavam-se Sayão Lobato, Araujo Lima e principalmente o Visconde de Rio Branco, que sósinho valia por uma legião.

Os debates em que elle tomava parte eram verdadeiros acontecimentos, que despertavam grande interesse e entusiasmo do publico, não só dentro da Camara, como fóra daquelle recinto onde então se travaram os mais memoraveis prélios da nossa historia politica.

Victoriosa na Camara essa bella campanha de altruismo, era certo passar no Senado, onde o espirito combatiVO era menos intenso, devido talvez á maturidade dos seus membros, homens de grande valor mental e moral, porém, certamente, um tanto cançados.

Afinal, quando o projecto passou em ultima discussão, o povo que enchia as tribunas, electrizado, rompeu numa prolongada salva de palmas e acclamações aos pioneiros daquelle grande conquista e Sua Alteza, a Princeza Regente, atirando abundantes flôres sobre Rio Branco e os Senadores que sustentaram o celebre projecto.

Dentro do Senado, nesse dia tão memoravel em nossos fastos, todo o corpo diplomatico estava representado, em sua respectiva tribuna.

Ao terminar essa sessão, que ficará em nossos annaes como uma pagina immorredoura, o Ministro dos Estados Unidos desceu ao recinto, curvou-se para colher algumas flores das que o povo espargirá sobre os nobres paladinos da Lei que se acabára de discutir e approvar, e pronunciou emocionado estas celebres palavras que honram e elevam a geração daquelle tempo:



«Vou mandar estas flores ao meu paiz, para mostrar como aqui se fez, deste modo, uma lei que lá custou tanto sangue».

E assim passou, triumphante, a Lei de 28 de Setembro de 1871.

Ainda uma vez, em 1888, o Imperador achava-se ausente, na Europa, bem doente, ficando a Princeza Regente aqui, á frente da direcção dos negocios do paiz.

Das duas regencias anteriores ella sahira-se perfeitamente, conquistando a confiança publica.

De novo formaram-se duas correntes que discutiam a abolição, sendo uma favoravel a que se indemnisassem os senhores de escravos, e outra se batia pela libertação incondicional.

Travaram-se novamente memoraveis debates a favor e contra esse definitivo arranco em favor da liberdade completa dos pobres escravos.

A Princeza Regente era a mais entusiasta abolicionista que existia em nossa terra.

Chamou o conselheiro João Alfredo para formar novo Ministerio; e assim procedendo, a libertação seria quasi um facto.

No dia 9 de Maio, Andrade Figueira pronuncia um notavel discurso de opposição. Fallam mais dous oradores, porém, a Camara delibera encerrar a discussão, passando o projecto por 83 votos contra 9.

Dispensados os tramites regimentaes, a redacção da lei fica transferida para a sessão do dia seguinte, na qual o projecto é definitivamente approved e remettido ao Senado.

Ao terminar a discussão, na Camara, reinava uma grande impaciencia. Apenas dous oradores conseguiram falar; e deante dos gritos do povo pedindo "votos", tres outros oradores, que estavam inscriptos, desistiram da palavra.

Nabuco propoz então que se suspendesse a sessão em consagração áquelle dia memoravel".

No Senado tudo correu rapidamente, sem discursos.

No dia 13, nessa casa do parlamento, realizam-se as ultimas votações. A Princeza D. Izabel já tinha descido de Petropolis e aguardava no Paço a carta autographa, que lhe foi solemnemente apresentada por uma commissão de senadores, sendo relator o Conselheiro Dantas.

Paulino de Souza — diz um chronista — assignala o facto — "para todo o tempo ser memorado nos annaes do nosso regimen parlamentar" e procura encurtar o seu discurso, "para cumprir o seu dever de cavalheiro, não fazendo esperar uma dama de tão alta gerarchia".



E a princesa augusta assignou, com mão firme, o acontecimento mais sublime da nossa historia.

Nenhum titulo de gloria pode superar ao que o povo brasileiro lhe conferiu. O de "Redemptora" vale como a mais alta consagração que se pode tributar a um mortal, pois os de santa, augusta, serena e justa, já os alcançara desde os primeiros tempos de moça.

Nenhuma princesa conseguiu as graças de todo um povo como ella, pois o seu nome foi sempre pronuciado com reverencia, e a sua existencia toda,—corôada de flores e de espinhos,—é um livro de requintadas virtudes.

O mestre, no meio de seus discipulos, e o pae junto a seus filhos, encontrarão na historia encantada dessa creatura privilegiada, a estrella que guia os passos para o bem e para a luz, o perfume que purifica as almas para o perdão e para o amor.

Abençoada terra que teve uma Princeza Redemptora, cujas mãos santas assignaram leis aureas e em cujo céo Deus gravou, propositalmente, um Cruzeiro de estrellas. . . .

C. Martinez.

(1) «Jornal do Commercio» de 23 de Novembro.



# Educação hygienica

## O PERIGO DOS MOSQUITOS

*Importancia em pathologia.* — O papel que os mosquitos teem assumido em pathologia, nos ultimos tempos, é extraordinario.

Já não é pequeno o numero de doenças que se transmitem por intermedio de taes insectos, principalmente se pensarmos na gravidade de quasi todas. E, não será exaggero dizermos que, ainda, estamos longe do fim da enumeração dos males por elles vehiculados.

Graças á observação e á experiencia, os dous grandes methodos que nos permitem alcançar as verdades naturaes, não é de admirar que os medicos, com o enorme desenvolvimento da sua sciencia, que lhes dá grande efficiencia aos estudos, dia a dia, mostrem o valor dos seus conhecimentos e a extensão dos seus recursos, indicando as verdades que enriquecem a pathologia e permitem á humanidade defender-se de certos flagellos.

E' o caso dos mosquitos. Sabemos hoje que certo numero de doenças terriveis encontra a sua facil propagação por meio desses pequeninos insectos.

Está perfeitamente determinado em sciencia que a febre amarella, o paludismo, a filariose e o dengue, doenças tão crueis, são transmittidas ao homem por mosquitos.

Ha muitos factos que parecem evidenciar o papel de um mosquito -- *Culex fatigans* -- na transmissão de uma doença horrivel, que tem acompanhado a humanidade, em todos os tempos, causando-lhe enorme devastação: a lepra. E' a opinião de um sabio francez -- *Leloir* -- e de um outro, brasileiro, dos mais celebres na especialidade -- *Adolpho Lutz*.

Por ahi é facil ver-se o valor que os mosquitos adquiriram em pathologia. A base da prophylaxia de certas doenças repousa, como se pode imaginar, no combate decisivo a esse insecto.

Os mosquitos não nos encommodam, só; o que bastaria para tornal-o antipathico ao homem. E', principalmen-



te, pelas consequencias que podem advir das suas picadas, transmittindo-nos doenças, que elles devem ser destruidos systematicamente, por todos aquelles que teem a saúde em bôa conta.

Para exemplo do que affirmámos, nada mais é preciso do que recordar, em largos traços, o que se passou com a febre amarella.

Antes de determinado o papel de um mosquito — *Stegomya calopus* — na transmissão dessa doença, quanto dinheiro gasto, em pura perda, nas célebres desinfecções de tudo quanto esteve em relação com o amarelento e quantas vidas ceifadas, sem que a sciencia conseguisse nos libertar de tal flagello? ...

Depois da conquista de Cuba, quando as forças e auctoridades americanas lá se installaram victoriosas, viram que ainda havia um inimigo a vencer, mais perigoso que os hespanhóes: a febre amarella.

Como era natural, os americanos tiveram pressa em vencel-o; e, como são um povo que pratica a hygiene com extraordinario senso pratico, os seus grandes medicos, em pouco tempo, resolveram o problema sanitario, apurando a verdade que um sabio daquelle tempo — Finlay — affirmava, em seguida a outros; isto é, o papel de um mosquito rajado na transmissão da doença que estudavam.

E todos viram os resultados maravilhosos obtidos: em pouco tempo Cuba estava livre do flagello que tanto a torturava.

Entre nós, a Capital do nosso Paiz, era victima da mesma doença, por mais de meio século. O Rio de Janeiro possuia essa mancha horrivel, que tanto pavor causava aos estrangeiros e maiores males acarretava para o seu progresso.

Pois bem. O que os desinfectantes e os rigores da hygiene daquelle tempo, durante quasi 60 annos, não conseguiram, — o nosso grande *Oswaldo Cruz*, applicando os mesmos methodos dos americanos em Cuba, quer dizer, abrindo guerra de morte ao mosquito incriminado, libertava a cidade do Rio de Janeiro da grande nodoa que tanto a envergonhava perante as outras capitaes.

Ninguem mais perdeu tempo nem dinheiro em inuteis desinfecções, porque todos sabiam onde estava o perigo e como removel-o. Uma vez que o amarelento esteja ao abrigo do mosquito — *Stegomya calopus* —, torna-se inteiramente inoffensivo, podendo qualquer um de nós estar ao seu lado, no mesmo leito, usando-lhe as mesmas roupas — sem que nenhum perigo nos advenha de tal acto, antes tido como absolutamente temerario. A tanta precisão chegou o conhecimento medico.



O mesmo se poderia dizer quanto ao paludismo, etc. Todos sabemos que, combatendo os mosquitos responsaveis pela transmissão dessa doença, pelos meios que a sciencia nos ensina, podemos livrar regiões invadidas pelo terrivel mal.

Não havendo o mosquito transmissor, as outras condições podem sobrar, pois a doença não se propagará. Ella ficará isolada no proprio doente.

Do mesmo modo, regiões antes indemnes da doença em questão, quando veem a se tornar possuidoras de umas tantas condições ( que depois veremos ), optimos ambientes para o desenvolvimento de mosquitos e que um doente do mal lhe vem ter, por um accaso qualquer — verdadeira sementeira — logo taes regiões se tornam ingratas ao homem, que não mais pode contar com os seus proveitos, — a não ser que o genio do hygienista venha remover as condições que a infelicitaram, reintegrando-as, por fim, aos seus primitivos destinos.

No nosso paiz temos um exemplo. As terras da chamada baixada fluminense, antes optimos recantos onde o homem prosperava, tornaram-se, com os males que os governos não souberam prevenir, hostis ao homem, um centro decadente, malarigeno de terriveis effeitos.

Creemos não ser preciso dizer mais, para que se tenha uma idéa do papel dos mosquitos em pathologia.

*O que são os mosquitos.* — Como já referimos, os mosquitos são insectos. Pertencem á ordem dos *dipteros* ( porque teem duas azas ) e á familia dos *Culicidios*. Estão espalhados em 10 sub-familias. Das sub-familias, duas nos interessam mais de perto e são: *Anophelinae* e *Culicinae*. Entre nós os nomes vulgares dos mosquitos são: — *pernilongos, muriçoca, carapanã*, etc.

\*

*Evolução.* — Na sua evolução os mosquitos apresentam duas phases: — *aquatica* e *alada*. Assim a sua vida está ligada á existencia de agua.

Qualquer collecção de tal liquido lhe serve para perpetuar a especie; na condição, porém, de ser parada ou com movimentos lentos. No primeiro caso como — as lagôas, tanques, caixas d'agua, latas, fundos de garrafa, tinas, boeiros, — emfim, qualquer recepiente contendo agua e onde possa chegar um mosquito; no segundo caso como — os pantanos, os pequenos rios com as margens cheias de vegetação, impedindo o seu livre curso, as valas mal cuidadas, etc.

Ultimamente foi verificada a importancia de certas plantas na procreação de mosquitos. E' assim que, a dis-



posição especial de suas folhas, forma especie de calices, permittindo colleccionar agua de chuva, em quantidade sufficiente para a evolução da primeira phase dos mosquitos.

Estão em tal caso — os bambús, taquáras, gravatás, tinhorões, etc. Do mesmo modo, pequenas cavidades no tronco de certas arvores, permittindo, como no caso precedente, guardar agua, podem servir á postura de taes vectores.

E' um facto de grande importancia, pois vem explicar o desenvolvimento e a existencia de paludismo, por exemplo, em certos pontos onde faltam as condições naturaes que permittem a criação de mosquitos.

\*

Pelas noções que acabamos de dar, facil se torna comprehender, como uma região qualquer, vem tornar-se propicia ao desenvolvimento de taes insectos e á existencia de doenças por elles transmittidas.

Os exemplos são bastante conhecidos, como mostrámos linhas atraz; ha regiões, anteriormente salubres, que se tornam doentias — porque se realisaram umas tantas condições, muitas vezes pela mão do proprio homem, outras á sua revelia, que permittem o estabelecimento de verdadeiros viveiros de mosquitos.

Na construcção de estradas de ferro, é commum o processo de alteamento do leito. Quando as cousas não obedecem á umas tantas exigencias praticas, geralmente dos lados ficam especies de regos, onde as aguas de chuva ficam estagnadas, — permittindo uma facil criação de anophelinas ou culicinas.

A agricultura, por sua vez, tem contribuido — indirectamente — não raramente para sanear certas regiões; outras, ao contrario, tem levado o mal onde elle não existia. Por exemplo: certas culturas exigem o reprezamento de agua, para melhor proveito, como a do arroz. Quando o homem não tem a devida experiencia, capaz de prevenir males futuros, em pouco veremos o seu trabalho honesto transformar-se numa arma de dois gumes, ferindo-o duramente com o apparecimento de doenças, que lhe tornarão o meio hostile. Por outro lado, certas culturas que requerem um desseccamento prévio do terreno, com as operações conhecidas — devastação de mattas, nivelamento, drenagem, etc., dando, em resultado, mais luz e ar, privando os mosquitos de um asylo seguro, ao mesmo tempo que lhe supprimem a agua — vão, pouco a pouco, tornando uma região, antes ingrata, em um verdadeiro recanto amigo do homem.

Em "Fecundidade", aquelle livro maravilhoso de Zola, encontra-se o exemplo daquela familia — vencendo,



pelo esforço e pela intelligencia, a terra de certa região de França, onde se installára, e que, antes, era tudo quanto pôde haver de menos proprio á prosperidade do homem.

Uma vez a femea do mosquito fecundada, para a maturação dos seus ovos, tem necessidade de sugar sangue. Os machos não tem o habito de picar; alimentam-se do succo de fructos, mel de flôres, etc. São as femeas, por essa necessidade physiologica, que aggridem o homem e os animaes, á procura de sangue. Emquanto não o conseguem, ficam na impossibilidade de desovar.

Uma vez satisfeitas, ellas procuram uma collecção d'agua, nas condições das que descrevemos, onde fazem a postura. O numero de ovos é variavel, podendo ir até 250.

Vae, então, começar a primeira phase evolutiva do mosquito, ou *phase aquatica*.

Uma vez depostos, os ovos ficam nadando na superficie d'agua para, ao fim de 2 a 5 dias, dar nascimento a pequenas *larvas*, dotadas de movimentos rapidos, faceis de reconhecer, chamadas, pelo povo, *bicho d'agua*, *martello*, *cabeça de prego*, etc. São compostas de trez segmentos — cabeça, thorax e abdomen.

Ellas se alimentam de insectos mortos, de outras larvas, de vegetaes, etc. Umas, as da sub-familia das *culicinas*, são munidas de um syphão respiratorio — uma especie de tubo, collocado na extremidade caudal da larva; por isso ellas ficam como que penduradas á superficie d'agua. Outras, as da sub-familia das *anophelinas*, não tem o syphão respiratorio, e, assim, ficam horizontalmente á superficie d'agua, onde respiram por meio de aberturas collocadas no oitavo segmento do abdomen. Não é difficil, pois, identificar-as.

As *larvas*, depois de um tempo que varia de 6 a 18 dias (de accôrdo com a temperatura, a quantidade de alimentos de que dispõem e a especie do mosquito a que pertencem) passam ao estado de *nymphas*.

As *nymphas* distinguem-se das larvas com facilidade. Devido ao grande desenvolvimento da sua extremidade cephalica, formada por dous dos segmentos da antiga larva — cabeça e thorax — ellas revestem a verdadeira forma de uma virgula.

Geralmente ficam quietas á superficie d'agua; são, porem, dotadas de movimentos rapidos, como as larvas, fugindo á primeira perturbação do meio em que estão.

Ao fim de 2 a 5 dias, o dorso das *nymphas* rompe-se e d'ahi sae o mosquito para a segunda phase da sua vida, ou *phase alada*.



*Phase alada.* — A vida média do mosquito varia entre 3 a 9 semanas. O mais commum é a morte da femêa depois da primeira postura. Entretanto, as da sub-familia das anophelinas, assim como de uma especie de culicinas—*Stegomya calopus* — são capazes de duas e mais posturas.

Ora, se quizermos lembrar que os mosquitos transmissores do paludismo estão, justamente, naquella sub-familia, e que a especie *Stegomya calopus* é responsavel pela transmissão da febre amarella, — somos levados a crêr que as cousas conspiram contra a saúde e a vida do homem . . .

Os mosquitos vivem, preferentemente, em logares sombrios, onde a vegetação é mais abundante e proxima de collecções d'agua. D'ahi se afastam, via de regra, procurando alimentos — sangue, principalmente; outras vezes são os ventos que os conduzem mais longe, e, assim, podem alcançar as nossas habitações. Ahi, se chegam a encontrar os meios faceis de viver e reproduzir-se, ficam installados — perseguidores e maleficos — dando-nos o que nos podem dar — encommodo ou doenças.

As anophelinas, isto é, aquelles mosquitos capazes de transmittir o paludismo, são habitualmente ruraes; fogem dos centros das cidades, preferindo os campos. Costumam picar no crepusculo e na aurora, isto é, ao cahir da tarde e levantar do dia.

Durante a noite não costumam perseguir o homem.

Depois que encontram alguém em condições de ser picado, ellas muito calmamente pousam sobre um logar do corpo descoberto — braços, mãos, pescoço, orelhas — enterando o seu aparelho sugador na pelle do individuo, nutrin-do-se quanto podem.

E' de notar que as pessoas novatas em logares muito frequentados por mosquitos, nos primeiros tempos, soffrem bastante, por effeito de taes picadas; com a continuação, como que se dá uma vaccinação, que permite supportal-as melhor.

Os mosquitos são attrahidos pelas côres escuras; alguns pelo ruido dos falladores . . . Depois que picam e sugam uma certa quantidade de sangue, vão fazer a digestão.

Nas habitações procuram os cantos mais escuros — por baixo da cama, por traz dos quadros e portas, entre as portas, entre as roupas penduradas, etc.

Quando veem a picar uma pessoa doente — caso de paludismo, febre amarella, etc. — podem ficar infectados; e, depois de alguns dias (variaveis de accôrdo com a doença) ficam em condições de transmittir-nos aquelle mal de que adquiriram a semente.



Até aqui temos fallado muito em *anophelinas* e *culicinas*... Mas, como distinguir uma anophelina de uma culicina? Será facil? Terá importancia?

Sem duvida alguma. Está no alcance de todos dizer se tal ou qual mosquito pertence a uma ou outra das sub-familias acima; e, a maneira de distinguil-os, é relativamente facil. E' questão de querer observar bem.

Não precisamos dizer que a importancia seja consideravel, pois, em uma região qualquer podemos vêr se estamos cercados de mosquitos capazes de transmittir a doença que receiamos.

Aqui estão alguns dos caracteres que mais facilmente podem, de uma maneira geral, ser observados: as anophelinas (mosquitos que transmittem o paludismo —doença tambem conhecida por maleita, malaria, febre de bater queixo, etc.) apresentam manchas nas azas; taes manchas são cinzentas ou imitando ferrugem. Quando pousam na parede, em um movel, sobre o corpo de animal, etc. teem o habito de apoiar-se com os dous pares de patas anteriores; as duas patas posteriores ficam levantadas e estirados por baixo do plano das azas. O corpo fica em posição inclinada,—á maneira de uma ave (gallinha, por exemplo) que para beber, ou comer, se agacha—levantando a parte trazeira.

As culicinas (mosquitos que transmittem a febre amarella, talvez a lepra, etc.) ao contrario, não teem manchas nas azas; quando pousam é de habito apoiarem-se sobre os trez pares de patas,—ou levantam as duas patas posteriores, que ficam por cima do plano das azas. O corpo, em geral, conserva-se horizontalmente ao plano em que o mosquito pousa.

\*

*Como combater os mosquitos?*— Já tivemos occasião de vêr que os mosquitos teem duas phases na sua evolução; isto é, os ovos são depostos n'agua, ahi passam ao estado de larva, depois de nympha,—de onde sae o mosquito. Assim, temos uma phase *aquatica* e uma *alada*. Poderemos, pois, organizar medidas que o destruam tanto em uma como em outra phase.

Quando tratámos da phase aquatica dos mosquitos, tivemos oportunidade de dizer que, uma vez a femea fecundada e satisfeita de sangue, ella iria desovar em uma colleccção d'agua, obedecendo áquellas condições importantes que expuzemos; isto é, agua parada ou com movimentos lentos.

Por esta primeira noção será facil pensarmos n'uma primeira medida, que se apresenta como capital: supprimir



da nossa vizinhança, pelo menos, qualquer quantidade d'agua nas condições apontadas. E os mosquitos não poderão crear-se.

Os medicos dispõem, em grande escala, de meios que poderão garantir-lhes, com relativa facilidade, a execução dos seus planos em uma tal campanha. Nem todos, porém, estão ao alcance de quem não seja um especialista. Indicaremos, por isso, os mais faceis e que teem o mesmo valor.

Quando se der o caso de possuirmos um terreno com collecções d'agua — grandes poças, pequenos brejos, etc. — temos dois meios para corrigil-o: ou faremos um aterro ou, então, *sangradouros*, isto é, pequenos regos ou canaes que deem sahida ás aguas reprezadas. A's vezes a origem de tal agua está ligada a algum correço mal cuidado, sem facilidade de corrente por uma obstrucção qualquer. Adiante veremos como agir. Se tivermos bôa vontade e persistencia, aos poucos poderemos enxugar aquelle terreno, impedindo que os mosquitos vão encontrar um meio facil para a sua propagação.

Quando se dê o caso de não podermos tentar qualquer dos processos apontados, ha outros meios a escolher: criação de certos peixes (como o chamado, vulgarmente, barrigudinho) que teem grande voracidade pelas larvas dos mosquitos; os patos, tambem perseguem muito as larvas; ou petrolisação da agua, isto é, —lançar kerozene á sua superficie (que deve ser agitada), na quantidade de 10 centímetros cubicos de kerozene por metro quadrado de superficie d'agua.

O kerozene cobrindo a superficie d'agua, as larvas de mosquitos que ahí se encontrarem não poderão mais respirar e morrerão, além disso, envenenadas.

Se a collecção for formada pelo alargamento de um correço, não podendo ser immediatamente removida, poderemos deixar, em um ponto qualquer de tal correço, uma lata com kerozene, provida de um furo, onde se colloca uma torcida de panno, especie de pavio de lampada, que irá gottejando o petroleo na corrente, para cobrir aquelle ponto que queremos atacar. A petrolisação deve ser renovada trez vezes por mez.

No caso de ser um correço com as suas margens sujas, sem poder dar movimento franco ás aguas, o nosso primeiro cuidado deve ser a limpeza de taes margens, arrancando todos os mattos que impedem a normalidade da corrente. Se não bastar, procuraremos tornar o curso d'agua o mais franco possivel, rectificando as margens do correço, retirando qualquer quantidade de terra que esteja obstruindo o seu leito.



Se o volume d'agua não fôr muito grande em relação á largura do correjo, faremos, pelo meio do leito, escavações que o tornem mais fundo, onde as aguas encontrarão facil passagem. Assim, com o maior movimento de corrente e sem mattos onde os ovos, larvas, etc. possam ficar presos, estaremos em condições de impedir a realização da phase aquatica do mosquito, como no caso anterior.

Devemos estar lembrados de que qualquer quantidade d'agua estagnada pode tornar-se em um viveiro de mosquitos. Teremos, assim, o cuidado de impedir que tal aconteça.

Nas proximidades dos pequenos rios, em pontos chamados *bebedouros*, os buracos que ficam no terreno, produzidos pelas patas de animaes que ahi vão, facilmente se formarão pequenas collecções d'agua, capazes de servir á criação de mosquitos.

Os poços para o abastecimento d'agua, devem ser fechados e providos de bomba (sempre que fôr possivel). É uma medida altamente hygienica, por não deixar que o precioso liquido que ingerimos se contamine por qualquer materia nociva á nossa saúde, como tambem impede que os mosquitos penetrem nelles e venham tornal-os em um optimo ponto de criação de taes vehiculadores de doenças.

As fossas, do mesmo modo, devem estar sempre fechadas, para que não se tornem incommodas, creando taes insectos. Na phase alada, temos outros recursos de combate. As proximidades das nossas habitações devem estar com o matto perfeitamente roçado, para que ahi não venham os mosquitos abrigar-se.

Onde grande for a quantidade de mosquitos e exista qualquer das doenças por elles transmittidas, uma optima solução seria guarnecer as portas, as janellas e, em geral, todas as aberturas da casa, com uma réde metallica de malhas que não devem ter mais de 2 milímetros de largura. Quando possivel, deve haver apenas uma porta funcionando para o serviço da casa. Essa porta será feita de uma maneira especial (uma especie de tambor) garantindo o interior da habitação contra o ingresso de mosquitos. Os postos de Prophylaxia Rural podem incumbir-se de tal trabalho ou fornecer todas as indicações necessarias para a sua realização.

No caso de não ser possivel dispor de tella metallica, nem por isso ficaremos sem defeza,—pois ha outros meios a tentar. Durante o somno, por exemplo, poderemos protejer-nos com o uso de mosquiteiros. Os cortinados, providos de abertura, não podem servir com segurança. Ha de ser uma cortina completa, perfeita, por onde não possa entrar nenhum mosquito. Durante o dia deve estar descida,



com as pontas presas debaixo do colchão; á noite, antes de subirmos para o leito, devemos passar uma revista cuidadosa, para que não fique nenhum mosquito no interior do mosquitoeiro. Como durante o dia, prenderemos as pontas debaixo do colchão. Assim, os mosquitos que se esconderam debaixo da cama não poderão atingir-nos.

Contra elles, uma outra medida seria queimar qualquer substancia, inoffensiva para nós, e que produza bastante fumaça:—palha secca, farinha de mandioca, pó da Persia, etc. Os mosquitos fogem da fumaça, que lhes causa grande mal—quando não os entontece até matar. Poderemos fechar a parte superior do nosso aposento, quando não possuir lorro, por meio de panno barato, de algodão. Os mosquitos, desse modo, não poderão entrar pelas aberturas do telhado que, por ventura, existam. Na zona rural ainda haveria um recurso:—estabular, perto das habitações, com a devida limpeza, certos animaes de grande porte—cavallos, bois. Os mosquitos seriam por elles attrahidos e facilmente sugariam sangue á vontade, sendo, assim, o homem poupado.

Ficam, em linhas muito geraes, em traços bem largos, algumas noções sobre mosquitos, os males que nos podem causar, a maneira de combatel-os, etc.

Lidas com um pouco de attenção, teremos alguns ensinamentos que, bem applicados, poderão prestar-nos alguns beneficios, onde quer que elles se façam necessarios.

Dr. Luiz Medeiros.





## O Ensino de Geographia nas Escolas Primarias

Entre os diferentes problemas da educação está a methodisação das materias que devem concorrer para o elucidar dos espiritos.

E de todas essas materias temos a Geographia como ensinamento de grande valoridade, pois engrandece o espirito, ampliando a imaginação ao mesmo tempo que faculta e faz melhor gravarem em nossos cerebros os outros conhecimentos, taes como a Historia Universal, Patria e Natural.

A Geographia merece, pois, especial attenção da parte dos educadores. Se esta sciencia descriptiva nos é util e valiosa para melhor conhecimento das outras materias, claro está que é do seu desenvolvimento nas escolas publicas que poderá advir o melhor e maior progresso de nossa instrucção. Como poderá um estudante de H. Universal comprehender tal ensinamento si em Geographia pouco é o seu preparo?

Da mesma fórma, ou com mais razão ainda, uma criança achará grandes difficuldades no seu aprendizado de H. do Brazil e Natural, si não tiver a idéa do mundo. Em summa, o conhecimento da Geographia é de indiscutivel vantagem. O que torna essa materia espinhosa e desagradavel é o modo pelo qual se a ensina em nossas escolas primarias.

E' esta a parte a que quero me referir nestas poucas linhas.

---

No geral o ensino de Geographia em nossas escolas primarias é deficiente; não sendo convenientemente desenvolvido, deixa elle de dar o desejavel resultado.

Poucos são os professores que encaram essa materia pelas suas justas conveniencias, talvez devido á falta de proveito por parte de seus alumnos, que decorando inconscientemente os pontos e as varias definições baqueiam vacillantes ao primeiro revez de uma pergunta.

Sendo a Geographia uma sciencia descriptiva é necessario que a encaremos em seus diferentes aspectos, relacionando as suas partes com o adeantamento dos alumnos.

Sendo uma sciencia descriptiva, como poderemos desenvolvê-la sem que tenhamos á vista o objecto dessa descripção?



Está claro que o seu objecto é a Terra, mas a Terra em todo o seu volume, em toda a sua extensão, em toda a sua esphericidade e movimentos, a Terra, ainda, em todas as suas generalidades, particularidades, minucias, exquisitices, riquezas, esplendores e maravilhas. Como então descrevel-a si nosso horizonte visual é tão diminuto?

Ahi é que está a dificuldade toda desse ensinamento.

Do modo de concretizar essas partes que formam o todo material, real, e que se nos apresenta abstractamente devido á sua grandeza, é que precisamos tratar.

Esse estudo tem de ser comparativo até o ponto em que o raciocinio infantil attinge um certo gráo de comprehensão, para que de concreto que é, a Terra se não torne abstracta. No 1º anno é elle feito de um modo simples e geral; no 2º amplia-se mais; dahi por diante o seu desenvolvimento augmenta na ordem directa das faculdades infantis. Voltando ao anterior—Se a geographia é uma sciencia descriptiva, donde surgiu a obrigatoriedade das definições tão communs em nossas escolas?

Porque havemos de obrigar os alumnos, principalmente os principiantes a dizer, que geographia é a sciencia que descreve a Terra; que a Terra é espherica e gira em torno do sol produzindo as quatro estações; que o sol occupa o centro de nosso systema planetario; e tantas cousas mais, quando a creança não sabe nem distinguir qual é o lado anterior e posterior da carteira em que está sentada?

Porque havemos de inculir nesses cerebrositos, logo de inicio, nomes, numeros, dados de extensão, estatisticas, se a sua formação mental ainda não está preparada para taes conhecimentos pesados e massantes?

Porque, tambem, quando começamos a descrever uma parte da terra, citamos todos os seus pormenores, si são elles ás vezes de minima importancia e nenhum proveito?

Tomar-se um objecto, descrever minuciosamente uma de suas partes e deixar as outras para descrever depois, —é theoria erronea. Uma creança não pode comprehender as partes sem que tenha a idéa do todo.

Mas, na geographia, como o difficil está em dar a idéa do todo, preciso será que busquemos o meio de, pelo *todo* reduzido, chegar ao conhecimento do *todo* ampliado, natural.

Para isso precisamos de um ponto de partida, mas de partida tão somente. Busquemos, por exemplo, a nossa casa, a nossa escola.

Dahi partiremos rapidamente para o todo, attingindo suas partes mais elevadas em importancia, avaliando sua grandiosidade e deixando as minuciosidades para a volta.



Ensinando á criança a localisação e as diversas faces da casa, vamos alongando a nossa vista, á proporção que se vae notando o seu progresso. Um campo que circunde a casa, uma floresta que fica além, um morro, outro campo que mais longe se estende, outra cochilha mais, são observações que claramente se demonstram ás crianças e lhes vão dando a idéa do todo comparativamente a esse pequeno ambiente que a cerca. Uma cidade mais que fica além, outra villa que se acha em um campo do lado que o sol se põe, um rio que se encontra com outro e forma um outro maior que banha o povoado tal e é atravessado por uma ponte da estrada de ferro, e outras observações mais, vão elucidando esses pequenos espiritos que, abstractos no extase da surpresa, prestam a maxima attenção; e seu raciocinio se vae adaptando á comprehensão das cousas.

Dessa forma vamos nos extendendo em todas as direcções, até que possamos dar uma idéa da esphericidade da terra. Para isso busquemos mil objectos que possam prender a attenção dos alumnos. Que a Terra é espherica; que se compõe de terra e agua; que o lado onde nasce o sol chama-se nascente; que aquelle onde se põe chama-se poente; que os movimentos em torno do sol e do proprio eixo produzem estações, dias e noites, são preliminares que as creanças do 1º anno poderão aprender numa continuidade de observações. No 2º anno tambem partiremos de um ponto para o todo.

Supponhamos o alumno diante de um mappa do Estado. Elle terá, com uma simples explicação, conhecimento dos pontos cardeaes. Partiremos de uma cidade para o norte, sul, leste ou oeste: quaes são as cidades que encontramos, rios, serras, estradas? Para se ir desta para aquella cidade qual a estrada mais curta, qual a villa que fica em meio do caminho?

Com essas explicações chegamos ás fronteiras dos Estados, atravessamos os outros, iremos aos demais paizes. Fazemos a distincção das costas e fronteiras, das ilhas e dos lagos. E, assim, atravessando continentes e oceanos, volteamos o globo em todas as direcções.

Faremos o alumno observar novamente a Terra, agora, com mais vagar, e assim, no 2º anno de geographia, o alumno terá um resumido conhecimento do Estado e do Paiz.

Todos os pontos importantes de nossa geographia devem ficar patentes aos alumnos e elles saberão distinguir as suas particularidades; saberão distinguir o Rio S. Francisco do rio Paraná, conhecer as suas nascentes, rumos e cachoeiras.



Saber que o Amazonas é o 1.<sup>o</sup> rio do Brasil não é sufficiente ao alumno. Porque o Amazonas é grande é que lhe trará vantagens. Os meios de transporte tambem despertam nas crianças bastante attenção. Nesse caso empregaremos as viagens atravez de nosso continente, calculando o tempo que gastaríamos si as fizessemos de trem de ferro, a cavallo, a pé etc, e descrevendo os logares por onde passarmos.

Alliado a esse ensino de geographia deve muito particularmente merecer apreço o de cartographia, pois é o melhor meio de gravar na memoria os conhecimentos adquiridos. Por meio de desenho e quadros comparativos esclarecemos as grandezas de nossas cousas. No 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> esse ensino deve ser mais ampliado e completo. Já ahi o alumno tem por obrigação observar melhor as cousas, comparal-as e tirar a conclusão de seu valor.

Conhecerá os rios, serras, cidades, ilhas, portos, industrias, producção, exportação, commercio, navegação, estradas de ferro, telegraphos, correios, e as applicações dos accidentes conhecidos.

Terá noção do clima nas differentes zonas, das raças nos diversos paizes do universo. No 4.<sup>o</sup> anno de um grupo o ensino de geographia deve attingir ao conhecimento geral do Universo comparativamente ao nosso paiz. Para que a criança tenha noção das nossas cousas é preciso que conheça as outras que não são nossas. Aprofundemos o estudo do que é nosso, mas investiguemos o alheio, para que tenhamos o instincto de supportal-o.

Como poderá uma criança amar nosso paiz si não o conhece? Que lhe vale conhecer uma unica região, si nem ao menos conhece outra mais pobre para ter a satisfação de que é mais feliz.

E' pois do conhecimento geral e circumstancia da nossa geographia que depende a união desse todo amado que se chama Brasil,

*Suetonio Bittencourt Junior,*

Director do G. Escolar de P. Grossa.





## A nacionalização das escolas



« Creança, não verás nenhum paiz como este.  
Imita na grandeza a terra em que nasceste. »

Olavo Bilac.

Em nosso paiz a escola não preenche ainda todos os fins a que se destina. Particularmente deviamos nella encontrar, em raizes mais profundas, os germens do nacionalismo. E' o que ainda hoje ella não produziu, senão em porções minúsculas que se desfazem num mesmo desinteressado soprar de brisa.

A escola não é senão a Patria pequenina. E como tal deve conter em si, imponderadas e fecundas, as essências todas do nacional viver, que irradiadas formarão mais tarde, nos amanheceres e crepusculos futuros, as almas nobres e os corações patrióticos. Em se investigando sobre a formação das nacionalidades, quaesquer que sejam os tempos em que tenham florescido, com claresa e consciencia vemos que os seus alicerces se alevantam desde os dias em que esses povos começaram a sentir nos corações insatisfeitos as pulsações rythmadas para um destino igual. Como outras do universo a nossa Patria assim se formou e existiu ainda mesmo antes do entardecer do 7 de Setembro. O povoamento do sólo e os interesses que aqui desde logo as populações encontraram foram congregando e alliançando os esforços em prol da causa commum que outra não seria senão a liberdade—sól promettedor que a todos empresta uma illusão perennal de inatingiveis dulçores. Conseguidos que foram esses ideaes necessaria se tornava a formação da alma brasileira que devia ser grande como este berço immenso estendido pelos pinheiraes, pelos campos, collinas, planaltos e cordilheiras e que nos emballa num mesmo baioçar de brisas mansas em roseiraes frondentes. E a alma brasileira se formou buscando sempre nas estrellas do Cruzeiro a inspiração para os seus sonhos de harmonia. Esse preparo culminava na mocidade entre os esplendores do



ceu e as fascinações dos horizontes largos sem ter sido bosquejado nas escolas senão em tintas brandas desfeitas em theorias. E' o que hoje ainda se faz. E' o erro que ainda se propaga.

Nas alvas, candidas fronte da infantilidade de hoje nós depositamos confiantes o futuro da nossa Patria adorada. E' pois nosso dever e cuidado primordial protegê-la e instruí-la agora, para admirá-la e venerá-la depois. Essa victoria nós a teremos real, si puzermos essa infancia em extasis diante de nossa historia e de nossa terra expressando em nossa lingua portentosa os seus orgulhos e os seus porvires de rosas e grandiosidades. A nossa lingua, a nossa historia e a nossa terra, eis o triangulo de amor sobre cujos vertices hão de girar eternas as epopeias Brasileas sublimadas.

o o o

Dentro do Brasil as escolas, quaesquer que ellas sejam, devem prestar ao Brasil o culto que devemos e formar para o Brasil os corações infantis. A nacionalisação dos ensinios deve ser pois o ponto capital a se defender ou a se exigir nessas escolas. E' preciso com mais amor e civismo traçar na mente indelevel da criança, desde os seus primeiros passos na escola, os contornos da terra e dentro della, em syntheses valorosas, erguer, em monumentos dignificantes, os historicos vultos impereciveis. E' preciso que desde cedo a terra seja conhecida. E' preciso que sem mais demoras a historia seja comprehendida para ser continuada. E' preciso ainda, e ao par de tudo isso, que a linguagem de harmonia para os lares e corações brasileiros, plenos de civismo e ventura, seja a mesma que nos vem guiando atravez da colonia, do reino e do imperio e pela republica.

O cultivo da lingua não deve jamais ser olvidado. No norte, no littoral, no sul e nos planaltos nós a ouvimos melodiosa e ardente, eloquente e linda. Nos labios amantissimos de nossas mães, na dulçurosa voz das auras que passam despetalando as rosas, no vasto azul esplendoroso do ceu profundo, nas arvores, nos ares, nas ondas que morrem na praia alvissima, em tudo, em toda a parte, nós a ouvimos bem dita, como se ella fosse a alma multipla dos ares, das praias, das arvores, do ceu e das coisas todas destes patrios lares muito amados. Não a desprezaremos jamais e não consentiremos que ella seja conspurcada e profanada, porque na integridade da lingua mora a integridade da Patria.

o o o



Não se comprehende o desconhecimento da lingua, da historia e da terra nem pelos que aqui vêm em busca de melhores destinos. Entretanto, ainda agora vemos o esforço que os governos fazem em ver comprehendida essa questão, tão de honra para nós. Não pode permittir tolerancias um facto que nos levará sem duvida alguma, se não resolvido promptamente, aos desgostos do esphacelamento. Em muitas regiões de nossa terra já nem se fala a nossa lingua. Em muitas escolas semeadas por esses alens brasileiros já até se cultua uma historia que não é nossa, em phrases que o sol brasileiro não difunde em scintillas de oiro e chammas. Nos visos das nossas montanhas onduladas e plenas de verdura, o sól não mais cabirá sereno quando a tarde morre porque deixou na terra ubertosa e linda os germens do mal que não pode reprimir.

Cabe a nós, brasileiros, o esforço bemdito em pról dessa crusada. Sejam os defensores da nossa nacionalidade. Saiamos do entorpecimento em que jazemos e de armas em punho e fé no coração, como os antigos triumphadores medievaes, firmemos resolutos nesta terra o ideal que nos bafeja a alma e que nos dá força e alento e risos e esperanças.

Essa armadura que devemos presurosos cingir aos corações não será aquella que se funde nas officinas e arsenaes repletos de fumo e aço, mas sim a que, fulgurante, nos prepara satisfeitos para os grandes destinos pelas sendas da luz e do saber, entre os livros e os exemplos bemquistos dos nossos maiores. E' o livro a arma que vence na paz perpetua das sociaes transformações.

Em nosso solo e em nossa escola iguaes são aquelles que, embora nascidos sob outras bandeiras e noutras terras, nestas terras e sob a nossa bandeira vivem, emprestando cavalheirosos a ellas a fortaleza dos seus braços ou a logica das suas razões ponderadas. Se assim é, razão não têm para olvidarem os nossos principios doutrinarios. Em suas patrias primeiras, cremos, elles não olvidaram nunca os ideaes que as alevantam. Ao mestre cabe pois o dever meritorio dessa pratica nacional e ainda o de attrahir e prender ao sólo patrio os filhos dos estrangeiros aqui viçados ao lado dos seus paes—collaboradores mui desejados do nosso continuado progresso. Que o professor de hoje, inspirado no fogo do civismo, saiba despertar nos corações pequeninos os sentimentos todos bem prezados pela Patria.



E amanhã, diante do altar da Patria cem vezes gloriosa, não se enrubecerá a nossa fronte ao se nos depararem os perfis legendarios daquelles que a formaram unida para as grandezas do universo. E nas escolas nacionalisadas, abertas para todos e encimadas pelo azul brasileiro, as crianças erguerão solemníssimas, para nosso jubilo, em sua honra, seus canticos de amor e de bondade.

*Henrique A. Ribeiro.*

Sub-Inspector do Ensino.



## O Methodo Expositivo

Essa transmissão de conhecimentos scientificos ou litterarios que o educador faz de seu cerebro aos cerebros infantis é, como todo o mundo sabe, feita por meio da palavra. Aqui, está, portanto, evidente, em grande destaque, a influencia dessa palavra que provoca em outras mentes conhecimentos que poucos minutos antes não pertenciam senão ao mestre.

Está nitidamente destacado o valor que ella representa no ensino de todas as materias, pois, della dependerá a attenção, a actividade, a reflexão e até as emoções da classe e, por conseguinte, a efficacia do ensino.

Para o desenvolvimento de toda e qualquer disciplina cumpre ao educador estar completamente ao par do assumpto a ser desenvolvido e dar á sua linguagem um tom algo empolgante. Para isto será indubitavelmente necessario que o professor não faça de suas lições uma « exposição de definições » que os meninos pouco assimilam. No entretanto, em muitas escolas a maioria dos alumnos sabem estas definições de cór, sem as comprehender.

E para que as lições se tornem por si mesmas agradaveis cumpre que ellas não sejam maçantes e demasiadamente longas.

Antes de se iniciar a exposição de um assumpto ainda não conhecido da classe, podia-se explorar a curiosidade infantil para depois deitar na intelligencia activa e despertada, conhecimentos que nunca a deixarão.

Torna-se imprescindivel que o educador não se esqueça de que o saber não poderá ser transmittido de uma mente a outra si a palavra não despertar a actividade dessa outra mente. Isto equivale afirmar que os desattenciosos não poderão assimilar as explicações. Portanto, torna-se indispensavel que, através do methodo expositivo, a palavra do mestre *solicite* a attenção do alumno. Ella poderá interessar a intelligencia do alumno si o mestre tiver recursos sufficientes de linguagem para chegar a este escopo. Assim, cumpre que ella seja simples, leve, empolgante, sem ser pomposa e, como o imán, possa então attrahir.



No entretanto, o methodo expositivo empregado no desenvolvimento das materias dos primeiros annos não apresenta a vantagem que revela nas classes adiantadas. Pois que o principal escopo deste methodo é pôr em movimento a actividade mental do alumno, o qual, aprendendo com maior facilidade, vae aos poucos desenvolvendo as suas qualidades de reflexão, imaginação e comprehensão.

Com o emprego deste methodo torna-se dispensavel o manusear dos livros.

Na escola antiga os alumnos « quebravam a cabeça » sobre os compendios, procurando comprehender assumptos não explicados.

E' por esta razão que este methodo é comparado á luz do sôl que penetra dentro de uma sala através das vidraças.

No ensino das sciencias não positivas este methodo tem melhor e mais applicação, trazendo a grande vantagem dos alumnos compulsarem menos os compendios didacticos.

O methodo expositivo, entre todos os methodos de ensino, é sem duvida nenhuma o que mais exige da capacidade do educador.

A' competencia do professor devem alliar-se os bons recursos de expressão. E, como esta faculdade de se exprimir se corrige, se educa, o professor deve sempre tratar de desenvolvê-la, certo de que ella é a « alma mater » de suas prelecções.

*Nicolau Meira de Angelis.*

Director do Grupo de Tibagy.





# PEDAGOGIA PRÁTICA

Aula dada ao 4º anno do Grupo Escolar «Oliveira Bello,» na presença dos professorandos de 1921, em dois dias seguidos.

O assumpto de que nos vamos occupar hoje parece, á primeira vista, destituído de toda e qualquer utilidade; parece mesmo ser uma cousa frivola, trivial, sem valor,—uma futilidade.

As *pulgas*, os *piolhos* e os *percevejos* podem ou devem, por ventura, merecer a nossa minima attenção? Quem vai perder seu tempo em se preoccupar com tão nojenta e repugnante cousa?

Pensarão assim as pessoas que não enxergarem, nesses pequeninos seres, perigosos inimigos do genero humano.

A sciencia verificou que entre os numerosos animaes que servem de vehiculo ás molestias figuram as pulgas, os piolhos e os percevejos em planos distinctos.

O illustre medico patricio Dr. Belisario Penna, uma das maiores notabilidades scientificas de nosso tempo, e que ainda ha pouco deu-nos a honra de sua visita, diz: Os dois grandes males, os peiores, que corroem e arruinam as nacionalidades são: a *ignorancia* e a *doença*.

E no Brasil imperam esses dois grandes males!... Esta verdade afflige, mas, inelizmente, é uma verdade!...

Os analphabetos representam cerca de 75% da população total. E a doença impõe e seu dominio, fazendo-se representar, endemicamente, em diversos pontos do Brasil. Os escravizados pelas molestias constituem, approximadamente, os 76% da população do Paiz.

Diz o dr. Belisario Penna que as tres maiores e mais temerosas endemias ruraes do Brasil são: a *ancylostomose* ou opilação, a *malaria* ou impaludismo e a *trypanosomose americana*.

E' preciso fazer-se a extirpação destes males, e como a tarefa é ardua, necessario se torna « não esmorecer para não desmerecer, » como dizia, nos escabrosos momentos de suas difficeis tentativas, o grande hygienista brasileiro Dr. Oswaldo Cruz, a quem se deve o saneamento da cidade do Rio de Janeiro.

Diz ainda o Dr. Belisario Penna: « Sanear o Brasil é povoal-o; é enriquecel-o; é moralizal-o. » Ao lado do posto sanitario, para a cura do corpo e educação hygienica, accrescenta, deve estar



a *escola* para a cura da moral e educação do espirito. Diz ainda e pergunta: Que noção pode ter, de patria, de civilização, de direitos e deveres civicos, de progresso, de conquistas scientificas, do valor economico das novas descobertas, etc. um ignorante ou analphabeto?

Que ideia pode ter do estado hygienico, da saude,—geratriz da alegria e do trabalho dignificante e compensador, um doente, empalariado, anemico, cansado, idiota ou paralytico, terreno de cultura de protozoarios das peiores especies?»

Pondera valorosamente o assumpto o nosso digno compatriocio!...

Mas, occupemos-nos do assumpto de nossa lição: *pulgas, piothos e percevejos*.

Veamos, primeiro, sob o dominio de que sciencia se acha o estudo desses pequenos filhos da Natureza.

Historia Natural é a sciencia que tem por fim descrever e classificar todos os corpos encontrados no globo terrestre, procurando explicar a origem de taes corpos, o seu modo de formação e de crescimento, as suas formas externas, a sua estructura interna, etc.

O conjuncto dos corpos que se encontram na crosta terrestre foi dividido pela sciencia em tres grupos, chamados Reinos da Natureza.

O primeiro comprehende todos os mineraes, é o *reino mineral*.

O segundo, o *reino vegetal*, é representado pelos vegetaes.

O terceiro, chamado *reino animal*, é constituído pelos animaes.

Os corpos pertencentes ao reino mineral são tambem chamados inorganicos e se nos apresentam sob a forma de massas inertes, pois são os que não têm vida.

Os corpos dos outros dois reinos da natureza chamam-se organizados, pois são providos de orgãos ou instrumentos que presidem á realização de certos actos denominados vitaes, e eil-os apresentando-nos o phenomeno interessantissimo da vida.

Ora, estando os corpos divididos em dois grupos, os que não têm vida e os corpos vivos, é rasoavel que a sciencia que os estuda tambem se divida em duas partes, razão porque a Historia Natural comprehende dois ramos: um que estuda os corpos brutos ou sem vida, e outro que estuda os corpos que têm vida.

O primeiro ramo, quando se occupa da forma, estructura, propriedades dos mineraes, sua extracção do solo, etc., é chamado Mineralogia. Quando tratam da descripção, evolução, composição dos mineraes na massa da terra, etc., toma o nome de Geologia.

O segundo ramo, porque estuda os corpos vivos, chama-se Biologia.

Porque os corpos vivos pertencem a dois reinos, a Biologia, que é a sciencia que os estuda, divide-se em duas partes: uma chamada Botanica ou Phytologia, cujo fim é o de estudar todas as plantas, da menor á maior; outra, que trata do estudo de todos os



animaes, desde o mais rudimentar ao mais complexo, é a Zoologia.

—Agora, diga-me o senhor da primeira carteira: a pulga será um vegetalzinho, um animalzinho ou um mineralzinho?

—A pulga é um animalzinho.

—Muito bem!... Um animalzinho.

—O segundo da fila: a qual dos tres reinos da natureza pertence o piolho?...

Ao reino animal.

—Pois é!... Ao reino animal!

—O percevejo é uma planta, não é?

—Não senhor, é um animal tambem.

—Sim, senhor, um animal!...

Sendo as pulgas, os piolhos e os percevejos animaes, em que sciencia nós os estudamos? Dará a resposta o senhor da 4.<sup>a</sup> carteira da fila.

—Nós os estudamos na Zoologia.

—E' isso justamente! Muito bem!...

Tendo a Zoologia por fim estudar os animaes, bem se vê ser em seu dominio que nos achamos, quando estudamos estes animaesinhos.

Os animaes não são todos eguaes, pois uma pulga, por exemplo, não pode ser comparada ao homem, á ostra, ao microbio, ou a qualquer outro animal. Esta é a razão que nos faz dividir os animaes em grupos, sub-grupos, etc. afim de os estudarmos.

A sciencia moderna divide os animaes em dois grupos: Os *Protozoarios* e os *Metazoarios*.

Os primeiros são quasi todos unicellulares e invisiveis a olhos desarmados, isto é, só podem ser vistos com o auxilio do microscopio.

O microscopio é um aparelho importantissimo; com o seu apparecimento o campo da sciencia se tornou mais extenso, pois que elle faculta ao homem o poder de examinar os pequeninos corpos e as particulas de que os grandes se compõem.

Os *Protozoarios* comprehendem tres sub-grupos ou classes: Os *Rhizopodos*, os *Infusorios* e os *Esporozoarios*.

Os *Metazoarios* dividem-se em dois grupos — Os *Phytozoarios* ( *Zoophytos* ou *Radiarios* ) e os *Artezoarios*.

Os *Phytozoarios* dividem-se em: *Celenterados*, *Espongiarios*, *Echinodermos* e *Monomeridios*.

Aos *Phytozoarios* pertencem — a estrella do mar, a medusa, o coral, as esponjas, etc.

Os *Artezoarios* dividem-se em: *Verones*, *Arthropods*, *Moluscos*, *Protocordados* e *Veriebrados*.

Os *Vermes* e os *Antropodos* são tambem chamados *Annelados* ou *Articulados*.

Os mammiferos, aves, reptis, *batrachios* ( rãs, sapos, etc. ) e peixes são vertebrados.



Os *Molluscos* são animaes de corpo molle, como taes : a ostra, a lesma, o caracol, etc.

—O homem será um verme, um mollusco ou um zoophyto ?

—O homem é um vertebrado.

—Perfeitamente ! . . . Um vertebrado.

Os *Artropodos* comprehendem : Os *Insectos*, os *Myriapodos*, os *Arachnideos* e os *Crustaceos*.

Os *Insectos* são *Arthropodos* que se caracterizam por terem o corpo formado de 3 partes distinctas : cabeça, thorax e abdomen.

A cabeça traz os órgãos dos sentidos (olhos, antenas, etc) e as peças buccaes. O thorax traz, na parte inferior, 3 pares de patas, isto em todos os insectos, na parte superior um ou dois pares de azas, que se podem atrophiar e até desapparecer pela influencia do parasitismo.

O abdomen é formado de peças semelhantes a aneis e terminado, nos dois sexos, pelo aparelho genital, muito variavel segundo as especies.

Os *Insectos* são oviparos, isto é, se reproduzem pondo ovos.

E' entre os *Insectos* que se acham as pulgas, os piolhos e os percevejos ; por isso vamos entrar na Entomologia, que é a parte da Zoologia que estuda os *Insectos*.

Os *Insectos* se dividem em dois grupos : Os que se nutrem de substancias solidas e os que se nutrem de substancias liquidas.

Os primeiros são representados por tres grupos : os *Coleópteros*, os *Orthópteros* e os *Nevrópteros*.

Aos *Coleópteros* pertencem os besouros, pyrilampos, cantharidas, gorgulho, etc.

Aos *Orthópteros*, as baratas, os gafanhotos, os grillos e outros.

Os *Nevrópteros* têm como representantes, alem de outros, a libellula e a formiga-branca que causa grandes estragos nos estaleiros.

Estaleiro é o lugar em que se fabricam ou concertam embarcações.

A formiga-branca dá grande prejuizo, porque penetra nas madeiras destinadas ás construcções, crivando-as, muitas vezes.

Um pedaço de madeira estragada, por pequeno que seja, collocado na embarcação vae levar-lhe o perigo da destruição completa, em pouco tempo.

Querendo um escriptor provar o valor das pequenas cousas conta : Num importante estaleiro, ao fim da construcção de um grande navio que as ondas já esperavam para fazel-o fluctuar, um artifice toma de um pedaço de madeira para uma pequena incrustação, talvez, quando um collega mais experimentado quiçá, o adverte assim : O' companheiro, repara bem que essa madeira está bichada e será para a construcção um mau elemento ; ao que o outro responde—que damno póde causar á maior das construcções deste estaleiro um fragmento de madeira cujo volume não attinge a um decimetro cubico? . . .



O minuscuro pedaço de madeira serviu á **construcção**; o navio foi terminado e lançado ás aguas.

Dez annos depois desmanchava-se a **embarcação** em pleno oceano, atirando ao seio das aguas centenaes de **vidas** e o producto de energias valorosas.

E o causador de tudo aquillo?...

O pedaço de madeira!...

Temos nós, quasi sempre, o mau habito de **não** nos importarmos com as pequenas cousas!... A nossa **ruina** ahi começa. As pequenas cousas constituem a base das grandes **cousas**...

E' não perdendo os minutos do tempo e **guardando** os vintens que lhe sobram dos gastos indispensaveis que a **pessoa** accumula as riquezas materiaes.

E começando por obedecer aos mais simples **preceitos** hygienicos que o **homem** chega á altura de um Oswaldo **Cruz**. E' começando por apprender os mais insignificantes **rudimentos** que a pessoa se eleva ás paragens sublimes da sabedoria. E' começando pela pratica dos mais singelos actos de bondade que o **homem** attinge ao throno da unica e verdadeira gloria--a de ser bom.

E' tambem começando por não **cumprir** as pequenas promessas, por praticar pequenos actos indignos, por **adquerir** os pequenos vicios, etc., que as pessoas se arrojam ao **abysmo** tenebroso da desgraça!...

Mas nós não queremos ser maus e **inuteis**, não é?

Havemos de ser bonsinhos, não é assim?...

Os homens experimentados na vida **dizem** que é ponderavelmente melhor ser bom que ser mau.

O grande sabio americano Benjamin **Francklin** disse: Si os picaros soubessem quão vantajoso é ser **homem** de bem, seriam homens de bem por picardia.

Acha o sabio que si as pessoas ruins, as **más**, soubessem como é bom, como é sublime, quanto é **vantajoso** ser pessoa de bem, seriam pessoas de bem por maldade!...

Si os maus, reconhecendo o valor da **Bondade**, se regenerassem, a harmonia seria o **estandarte optimo** da Humanidade!...

Voltemos aos insectos. Foi longa a **digressão**! — (Digressão é a mudança do **assumpto** para outro **differente**.)

Tratámos dos insectos que se nutrem de substancias solidas; vamos nos occupar agora dos que se nutrem de substancias liquidas.

As pulgas, piolhos e percevejos **pertecem** a esta segunda divisão dos insectos; são hematophagos, isto é, se alimentam de sangue. Sim, de sangue, pois são **parasitos do** homem e de outros animaes!

Parasito è o ser, animal ou vegetal, **que** vive á custa de outro ser superior. Quando o parasito é animal é **chamado** Zooparasito; quando é vegetal denomina-se **phytoparasito**.

Os insectos que se nutrem de substancias liquidas pertencem quatro divisões: Dipteros, Hemipteros, Lepidópteros, Aymenópteros.



Falaremos, exclusivamente, das duas primeiras, entre as quaes se encontram os parasitos de cujo estudo nos occupamos.

Aos Hymenópteros pertencem as abelhas, vespas e formigas.

Os Lepidópteros se fazem representar nas borboletas.

### DIPTEROS

Os Dipteros comprehendem : os Pupíparos, Aphanipteros, Brachyceros e Nematóceros.

Os Aphanipteros ou são Pulicidios ou sarcopsyllidics.

Os Pulicidios são as pulgas que atacam os animaes e em cuja pelle não penetram. Os sarcopsyllidios são as pulgas que penetram na pelle dos animaes.

Dos Pulicidios distinguem-se as seguintes variedades, ou de outro modo, especies : a pulga vulgar ou *pulex irritans*, que todos conhecem, a que invade os lares ; a pulga de rato, ou *pulix cheopis* ; a pulga de cão ou *ctnocephalux canis* ; a pulga de gato ou *ctnocephalux felis* ; a pulga de gallinha ou *pulex gallinacea* ; a pulga de pombo, ou *pulex columbarius* ; a pulga de andorinha, ou *pulex irundinis*.

Os Sarcopsyllidios se dividem nos dois seguintes grupos : *Sarcopsylla penetrans* ( *pulex penetrans* ) conhecido vulgarmente pelo nome de *bicho de pé*, *Sarcopsylla gallinacea* que ataca as gallinhas.

### HEMIPTEROS

Os Hemipteros comprehendem : Os ápteros, Os heterópteros e os homópteros.

Os H. apteros são representados pelos Pediculidios e Carapatos.

As especies dos Pediculidios, ou piolhos são : *pediculus capitis*, ou piolho da cabeça ; *pediculus vestimenti*, ou piolho do vestuario.

Os Hemipteros heterópteros dividem-se em : cimex, Anthorcoris, Conorhinus e Rhodnius.

Os Cimex têm como especies conhecidas as seguintes : *C. lectularius* ou percevejo commum, *C. rotundatus*, *C. irundinis*, *C. columbarius*, *C. Bueti*.

Entre os Conorhinus encontra-se o triatoma megista, ou Conorhinus megistus, horrivel transmissor da trypanosomose americana, ou doença de Carlos Chagas ( *doença do barbeiro* ).

Os Hemipteros homópteros são representados pelas cigarras, etc.

Em resumo : — vimos que as pulgas, piolhos e percevejos são animaes pertencentes ao grupo dos Metazoarios, á subdivisão dos Artozoarios, ao ramo dos Arthropodos. Vimos que são insectos dos que se nutrem de substancias liquidas. Vimos que as pulgas são Dipteros aphanipteros.



Sabemos que os *piolhos* são Hemipteros ápteros; que os percevejos são Hemipteros heteropteros.

Resta-nos saber mais algumas outras cousas uteis e necessarias.

Prosigamos ! . . .

## DAS PULGAS

As pulgas são dipteros, cujas duas azas se atrophiam pela influencia do parasitismo.

As duas pernas trazeiras da pulga são, nas differentes especies, bastante desenvolvidas; esse desenvolvimento dá á pulga mais força para introduzir no animal hospedeiro a tromba sugadora, e para a realização do salto locomotor. Não se faz necessario dizer do tamanho, da côr, etc. desse animal, porque todos o conhecem . . .

As pulgas, como já dissemos, são parasitos do homem ou d'outros animaes. Cada especie têm o seu hospedeiro predilecto, todavia as pulgas do cão, do gato, do rato, etc. tambem atacam o homem e outros animaes.

A *pulex irritans* é a que persegue o homem, cujo sangue a deleita.

Conta um apologo que a formiga, indignada com o homem, chega-se á sua amiga pulga e lhe diz: — D.<sup>a</sup> Pulga, permite fazer-lhe uma pergunta ?

— Ora, D.<sup>a</sup> Formiga, use de plena liberdade, deixemos de lado as pragmaticas do estylo . . .

— D.<sup>a</sup> Pulga pode me dizer o que veiu fazer ao mundo o barbaro, o máu, o indigno e perverso animal cujo nome sabemos ser *Homem* ? . . .

— Oh ! D.<sup>a</sup> Formiga ! O homem tem um fim muitissimo nobre e elevado aqui na Terra ! . . .

Elle nasceu para regalo da pulga ! . . .

— Como, D.<sup>a</sup> Pulga ?

— D.<sup>a</sup> Formiga ignora que o homem tem uma cousa utilissima, boa, saborosa ? . . .

— Qual essa cousa ? . . .

— O sangue ! . . .

Vejam os Senhores que audaciosa é a pulga. ( Não supponham que seja esse o fim para o qual nascemos ! . . . )

Este animal, com sua audacia, entra em nossa casa, nos ataca e custa abandonar-nos, é preciso que o afugentemos não só porque é um estorvo ao nosso socego, mas porque é um parasito pathogenico, isto é, um transmissor de molestias.

— Pathogenia é a parte da Pathologia que trata da origem e desenvolvimento das molestias e suas causas.

Pathologia é a parte da medicina que ensina a conhecer e a distinguir as doencas que affectam os organismos.

Parasito pathogenico é o conductor de molestias.



A pulga se reproduz, desmedidamente, no pó; por essa razão ha casas cujas dependencias se tornam inacessiveis a esse insecto.

A pulga de rato (*pulex checpis*) é transmissora provada da *peste negra* ou *bubonica*.

### DO PIOLHO

O piolho é um hemiptero-aptero.

*Pediculus capitis*.— Este piolho varia de côr, conforme a pelle de seu hospedeiro, todavia, a mais commum é a cinzenta — Vive nos cabellos e raras vezes nas sobancelhas e barba.

A femea fixa seus ovos ou lendias na base dos cabellos; nascem os novos no 6.<sup>o</sup> dia da postura; no 18.<sup>o</sup> dia já estão adultos. Num mesmo cabelo a femea põe muitos ovos.

A affecção causada por este piolho constitue a *pediculose da cabeça*.

Segundo a opinião de alguns sabios, este piolho inocula o bacillo da tuberculose.

*Pediculus vestimenti*.— Este piolho é conhecido vulgarmente pelo nome de muquirana e é maior que o precedente.

Sua côr é de um branco-sujo e elle não pára na pelle, vive no vestuario em cujas pregas e dobras põe os seus ovos. Dá picadas quasi sempre com maior intensidade, á noite. Produz a *pediculose do corpo*.

Sabios pesquisadores acham que este parasito póde ser vehiculo da tuberculose.

Os piolhos são muito amigos das pessoas sujas e com ellas vivem.

### DOS PERCEVEJOS

Os percevejos são hemipteros heteropteros. O percevejo commum (*cimex lectularius*) que ataca o homem, em cuja moradia penetra, é do tamanho de um piolho, por consequencia, pequeno.

Vive nas paredes, camas e outros moveis de madeira das alcovas.

Entra em qualquer casa, suja ou limpa, trazido n'um movei ou objecto.

Ataca o homem geralmente de noite. E' immensamente incommodativo. Este percevejo e o *c. Bueti* transmittem: tuberculose, peste, febre recorrente, trypanosomose americana, lepra, etc.

Os outros percevejos vivem no logar em que repousa o hospedeiro.

### DO CONORHINUS MEGISTUS

Este hemiptero heteróptero é uma especie de grande percevejo que habita as casas velhas, gretadas, sujas e escuras de certos pontos do Brasil e é conhecido por muitos nomes, sendo principaes: *Triatoma Megista*, *Barbeiro*, *Chupão*, *Chupança*, *Bicho de parede*, *Percevejo do matto*, etc.



E' inimigo da luz e do asseio, porque só vive nas frestas ou rachaduras das cafuas ou palhoças sujas, onde prolifera. E' hematophago e de habitos nocturnos. Inocula directamente no sangue o hematozoario ( parasito do sangue ) trypanosoma *Cruzi*, causador da trypanosomose americana ou molestia de *Carlos Chagas*.

A molestia de *Carlos Chagas* faz dos homens, mulheres e creanças, verdadeiros estupidos, aleijados, paralyticos, mudos, surdos, deformados, etc. E' molestia incuravel, mas que se pode evitar.

Bem ; já conhecemos esses animaes, vimos que são transmissores de molestias perigosas, por consequencia, nossos inimigos.

Convencemos-nos que as pulgas, piolhos e percevejos não devem, sob pretexto algum, residir connosco e forçoso se torna nos livrarmos dessa companhia . . .

Não os devemos matar, porque todos os seres têm direito á vida. Então afugentemol-os. De que modo ?

Muito facil ! . . . Verificámos que elles gostam da sujeira, da porcaria, do pó e de logares escuros. Acabemos com tudo isso em nossas casas. Usemos de asseio em nosso corpo, em nossa morada e em nosso vestuario. Ar, luz, agua, sabão e desinfectante sejam os principaes elementos de riqueza de nossos lares ! . . .

Façamos applicação ao corpo, vestuario e domicilio dos ricos preceitos da Hygiene.

— Hygiene é a parte da medicina que dá regras e estabelece preceitos para a conservação da saúde publica ou particular. — O asseio é a mais poderosa arma da Hygiene.

Devemos conservar nossa casa bem limpa e arejada, não só para nos ser agradavel, mas para que seja saudavel.

#### PARA AFUGENTAR AS PULGAS

Sabemos que as pulgas proliferam no pó ; removamos todo esse pó, no interior ou exterior de nossas habitações. Construamos nossas casas bem altas do solo, afim de que possamos impedir o accumulo de pó no terreno em que estão edificadas. Tenhamos nossos leitos bem limpos, com roupas lavaveis, isto é, não façamos uso de acolchoados ou estofados que se não possam lavar.

Mudemcs, no minimo, duas vezes por semana a roupagem do leito. Escolhamos as côres claras para essas roupas.

Sabemos que as pulgas do gato, cão e rato atacam o homem, e por isso não devemos consentir na entrada desses animaes em nossos lares, porque são muito perseguidos por ellas.

O cachorro e o gato, apezar de viverem assiduamente em companhia do homem podem, facilmente, não o estorvar nesse ponto : — é só não os adquirir. Ha muita gente que gosta de ter um valente cão policial ou um « terra-nova » de valor, para ornamento de sua moradia.

Outras pessoas têm grande prazer em possuir um bello gato branco ou preto, para enfeite do sofá, da janella, etc.



Pois bem, quem gostar d'esses animaes, deve-os tratar com esmero, lavando-os com agua e sabão todos os dias e não consentindo que durmam ou permaneçam em logares sujos e que sejam acompanhados de congeneres desasseiados.

Muitas pessoas, insensatas, beijam esses animaes que ás vezes se acham affectados de molestias contagiosas.

Não necessitamos de gatos para caçar ratos! Si, por acaso, apparecer algum rato em nossa casa devemos pegal-o vivo, com uma ratoeira apropriada, depois soltal-o em um logar onde elle não nos possa fazer mal.

Com a epizootia dos ratos apparece, quasi sempre, a peste negra, que ceifa numerosas vidas. A molestia passa do rato para o homem por intermedio de um bichinho conhecido pelos senhores.

— A pulga!

— Pois é! — a pulga de rato, ou *pulex cheopis*.

A pulga de pé, *pulex penetrans*, ou *sarcopsylla penetrans* é uma pulga pequena, mas muito damninha. E' tambem chamada *chique*, donde se derivou a palavra *chiqueiro*, que é o estabulo de porcos, ou pocilga. Ataca fortemente os porcos, e muitas vezes, alem das pessoas, ataca o cão, a gallinha e até o cavallo.

O meio de procreação é o do pó, e para a exterminar, é bastante applicar os elementos hygienicos. Constitue um perigo á vida do homem este minusculo animalzinho. No logar em que penetra, deixa, quando nós o extrahimos, um buraquinho onde devemos pôr, 3 ou 4 vezes por dia, tintura de iodo e não deixar entrar pó, porque na terra existe o microbio do *tétano* que penetra por qualquer arranhãozinho da pelle e que é mortal.

Já soube de pessoas que morreram por causa do *sarcopsylla penetrans*.

#### PARA AFUGENTAR OS PIOLHOS

E' muito facil afugentar os piolhos, porque em cabeça limpa não ha sitio que sirva ao piolho commum ou *pediculus capitis* e o corpo limpo abrigado em roupa limpa não offerece o menor recanto de attracção á muquirana, ou *pediculus vestimenti*.

Sejamos asseitados e estaremos livres dos pediculidios.

#### PARA AFUGENTAR OS PERCEVEJOS

Os percevejos, como já vimos, podem entrar em qualquer casa suja ou limpa; mas é evidente que em casas sujas elles encontram morada mais propicia ao desenvolvimento de sua extensa prole.

Si o acaso permittir a entrada desses insectos em nossos lares, devemos proceder a desinfecções rigorosas, diariamente, afim de que se retirem.

Em ultimo caso deve-se requerer *despejo* e para isso o melhor juiz é o vapor sulphuroso. Queima-se bastante enxofre, durante



umas duas horas, na casa fechada, contendo unicamente os moveis ou objectos em que haja percevejo. Conserva-a-emos fechada durante 3 dias, para que os *inquilinos* se retirem. Após esse periodo, voltaremos para casa e si encontrarmos alguns insectos mortos, comprehendemos que foi consequencia da lucta pela vida e não da maldade nossa.

Mas, quando pudermos, com donaire, brandura, eloquencia e bondade pedir a esses arthropodos que se vão de nossa companhia, não nos sirvamos de cutro meio, porque este é o mais nobre....

### COMO AFUGENTAR O TRIATOMA MEGISTA

Sabemos que o *barbeiro* ou *chupão* invade somente as casas sujas, escuras e gretadas. Tenhamos nossas casas limpas, claras e sem gretas ou fendas, que o chupança não nos incommodará.

A's pulgas, piolhos e percevejos habitam qualquer parte; ao passo que o *conorhinus megistus* vive em determinadas zonas, transmittindo um dos grandes flagellos — a *trypanosomose americana*.

### CONCLUSÃO

As pulgas, os piolhos e os percevejos são nossos perigosos inimigos; não os acceitemos em nossa companhia!...

E aqui termino o caso; si os senhores tiverem qualquer duvida ou quizerem alguma informação, não vacillem em falar commigo. Qualquer ponto obscuro, eu o posso esclarecer.

Antonio Carlos Raymundo.





## Congresso Interestadoal de Ensino

Começam de congregar-se em torno do problema sempre e agora mais que nunca palpitante e opportuno da instrucção primaria os poderes constituidos e as energias pensantes do paiz. E' manifestação louvavel quanto significativa desse despertar de iniciativas, em pról do problema que mais profundamente affecta os interesses vitaes da nacionalidade, a reunião que vem de effectuar-se, na capital da Republica, sob a presidencia do Exmo. Snr. Ministro do Interior, e com a representação de todos os Estados, para o fim especial de serem assentadas sobre a diffusão e orientação do ensino preliminar medidas capazes de alça-lo á altura das reaes necessidades do povo. O simples facto de se effectuar essa reunião para o fim exclusivo de serem trazidas á luz das discussões assumptos de interesse para a escola, indicia um accordar em boa hora para a campanha que não deve nunca esmorecer, porque della depende a realização dos patrios ideaes de engrandecimento e progresso. Muito embora lacunas e falhas varias continúe a apresentar o aparelhamento escolar do paiz, algumas, por em quanto, inamoviveis, porque têm principio em obstaculos que sómente ao tempo é dado destruir, outras originarias de vicios profundamente enraizados, anima e esperança esse vir á tona de incognitas cujo calculo o bom andamento do ensino reclama. Uma das aspirações que mais frequentemente exprimem muitos dos que estão presos á missão de educar e instruir é a obrigatoriedade da frequencia escolar. Entretanto, um simples relançar de vistas para a zona rural faz comprehender que, pela extensão das terras povoadas, pela pouca densidade das populações, pela excessiva instabilidade dos individuos e das aggremações, removidos de continuo pelas necessidades da vida sempre penosa, e por innumerous factores mais, a lei de obrigatoriedade seria injusta e inexequivel. O que cumpre é augmentar progressivamente de par com o augmento das possibilidades orçamentarias o numero das escolas, localiza-las bem, prove-las sufficientemente e, acima de tudo e antes de tudo, promover pela moralização do funcionalismo, pelo aperfeiçoamento da capacidade profissional



dos mestres, pela adopção de methodos, horarios e programmas convenientes, o gradativo augmento da efficiencia escolar. Será esta a obrigatoriedade melhor, porque é praticavel e benefica.

Varias foram as resoluções assentadas nas sessões do Congresso Interestadoal. Entre outras, figuram duas de merecimento real: a de prestar a União aos Estados auxilio material para uma diffusão maior de escolas e a de prohibir terminantemente o ensino de linguas estrangeiras a creanças menores de dez annos.

Muito embora compita aos Estados a localização, distribuição, provimento, dotação material e fiscalização das escolas primarias, deve o Governo Federal collaborar com elles nas despezas, corrigindo as deficiencias orçamentarias dos que mais careçam. Quanto á segunda resolução, é uma necessidade que as observações de cada dia confirmam.

Não basta que os filhos dos estrangeiros nascidos no Brasil aprendam a nossa lingua. E' preciso que a aprendam em primeiro lugar, para que possam dispensar a ella o amor que sabem todos ter ao idioma em o qual exprimiram as primeiras idéas, os primeiros raciocinios e as emoções mais fortes da quadra juvenil.

E' pelo culto da lingua, mais que por outro liame qualquer, que se hão de arregimentar as forças vivas da nação sob uma mesma e só e collectiva aspiração.

o o

Mas é preciso que em nossas iniciativas, resoluções e leis façamos directriz pelo caminho mais curto e evidenciemos amor pratico, ao possivel, ao realizavel.

O congresso Interestadoal de Ensino levou aos corações dos que, com amor profissional, dedicam-se ao mister tão nobre quão lindo de ensinar, bem como a quantas almas alcançaram contagiar-se de civismo intelligente e forte, o consolo reconfortante de uma promessa.

Transformar-se-ão essas promessas em realidades? Concretizar-se-ão em obras as palavras proferidas? E alcançarão essas obras o valor das estimativas?

E' bem de crer que sim.

Tivessemos nós a convicção de que em todos os actos haveria o inabalavel proposito de se superpor a collectividade ao individuo, o principio aos interesses das facções, o util ao pomposo, e bem baseados seriam os calculos mais optimistas que fizessamos em torno do amanhã brasileiro.

Que se não vão perder nossas esperanças loiras de um futuro melhor no barathro labyrintico de complicadissimas or-



ganizações burocráticas. Praza aos manes tal não aconteça. Porque haveremos de sempre resvalar das phrases plenas de vigor e belleza para o somno da inactividade? Forçoso é agir, mas agir efficientemente, fazendo que ao peso dos onus gravados sobre o erario publico corresponda relativa somma de beneficios a esse mesmo publico.

Deixemos de vez o regimen do papelorio, inoquo e consummidor de oiro, pesado para o Governo e para o povo, criador de obstaculos desnecessarios, gerador de falsidades corrosivas, archaico e obstructor. E evitemos as organizações de serviços publicos que funcionem pesados e lerdos, levando no seu bojo energias que se alapardam pelos vicios da inacção o do parasitismo.

Não será necessario, para que preste a união aos Estados o auxilio que a diffusão e aperfeiçoamento da instrucção requerem, a creação antecipada de um ministerio especial ou de postos de inspectores. Basta que sejam attendidas as representações que os Estados fizerem e que a verba votada pela União, para custeio de escolas, seja distribuida com equidade. Os Estados são bastante idoneos para se desonerarem do encargo de proveitosamente empregarem o dinheiro mediante contas que opportunamente renderão ao Governo Federal. Agir diversamente, isto é, crear por antecipação as legiões de funcionarios que hão de fiscalizar repartições que ainda não existem, seria desviar, dos verdadeiros fins que visam, parcellas uteis e consideraveis das verbas votadas.

Espalhem-se pelas regiões necessitas as escolas custeadas pelo Governo Federal e distribuidas, localizadas; regulamentadas e inspeccionadas pelos Governos dos Estados, que mais de perto conhecem as suas zonas, os seus homens, as suas precisões, e só depois, á medida que as peças do organismo creado entrem de funcionar, instituem-se os cargos e as repartições que as observações quotidianas demonstrarem realmente proveitosas e imprescindiveis. E então, ao envez de se crearem os cargos para os individuos, busquem-se os individuos para os cargos, elegendo-os pela capacidade, pela competencia e, sobretudo, pela experiencia profissional. Assim como os engenheiros não são chamados para dignosticos, nem os professores para as construcções, para os cargos do magisterio devem ser eleitos technicos do ensino. Porque não é no manuseio de obras estrangeiras, nem no remansoso meditar de gabinete que se vae haurir experiencia de educador. Porque não é nas paginas repletas de dogmatismo e utopia que se vão encontrar as normas pelas quaes se deva pautar o ensino ministrado a intelligencias e organizações que as zonas di-



versificam. Porque não é nas generalizações do idealismo livreiro que irão alicerçar-se as reformas criteriosas.

o o o

Sobre o emprego de auxílios concedidos pelo Governo Federal e sobre a simplicidade de um aparelho director capaz de zelar pelo regular e eficiente funcionamento do serviço de instrução, bem merece seja citado o exemplo oferecido pelo Estado do Paraná.

As cento e dezesseis escolas que o Governo Federal ahí subvenciona são cuidadosamente distribuídas, providas de material e fiscalizadas pelo Governo do Estado. A elle estão affectas as nomeações, remoções e demissões dos professores encarregados desses estabelecimentos. E em todos esses actos, em os quaes visam apenas e exclusivamente os interesses do ensino, têm os poderes estadoaes dado exemplo de inexcedível zelo pelos dinheiros publicos.

Dirige e fiscaliza o Estado a essas escolas e mais ás numerosas que mantem com um aparelho que se caracteriza por sua extrema simplicidade. Apenas uma repartição, a cargo do Inspector Geral do Ensino, é sufficiente para processar todos os papeis referentes aos professores, acompanhar de perto o trabalho de cada escola, registrando as alternativas de frequencia e matriculas, levantar as estatísticas e expedir todos as orientações necessarias ao bom funcionamento dos estabelecimentos.

Quatro funcionarios fazem o serviço de inspecção em todo o Estado, visitando as escolas mais longinquas, em media 3 vezes por anno, e inspectores districtaes, sem nenhuma remuneração, fiscalizam as escolas e encaminham para a Inspectoria, devidamente informados ou visados, os requerimentos e mappas de movimento mensal.

E' preciso notar, porém, que esses quatro funcionarios não permanecem na Capital; a sua vida é viajar, viajar constantemente, transportando-se de escola para escola a despeito de quaesquer obstaculos, e só depois de percorridos os roteires das viagens a que sahem, retornam á repartição central com as multiplas informações de que o chefe precisa para bem auxiliar as necessidades de cada escola, as condições do trabalho de cada professor, as condições hygienicas dos predios escolares, a boa ou má execução de horarios e programmas, etc. E dessa forma o Inspector Geral tem informações precisas a respeito da distribuição das populações; das indoles, costumes, e necessidades das sociedades ruraes; do maior ou menor ou nenhum pendor natural de cada professor; do maior ou menor preparo dos mesmos, e mais informações que



possam concorrer para a distribuição equitativa e proveitosa de escolas e professores. O proprio Inspector Geral pessoalmente inspecciona as escolas dos municipios, corrigindo, animando e orientando.

E', portanto, sem grandes dispendios e com o emprego de poucos funcionarios que o Estado do Paraná mantem, na ordem mais perfeita, o regular e proveitoso funcionamento do seu aparelhamento escolar.

*Rubens de Carvalho,*

Sub-Inspector do ensino.





# COUSAS DIVERSAS

## AVISOS

As aulas do actual anno lectivo reabrem-se no dia 9 deste mez em todos os estabelecimentos situados no planalto. No littoral a reabertura terá lugar a 23 de Janeiro.

Os srs. directores de grupo, para regularizarem o funcionamento das aulas desde o 1º dia, devem abrir a matricula com 3 dias de antecedencia, pelo menos.

o o o

Os srs professores de todo o Estado são obrigados a mandar os mappas mensaes com a maxima regularidade. Torna-se, pois, necessario que esses papeis sejam postos no correio logo nos primeiros dias de cada mez.

Os enveloppes terão a indicação S. P. e a informação—( da professora da cadeira de . . . . . ) e isso para ficarem sujeitos ao porte da correspondencia official.

Não serão acceitos os mappas que vierem incompletos ou mal preenchidos.

o o o

Os livros de matricula e chamada, uma vez concluidos, devem ser enviados á Inspectoria Geral, que providenciará para a remessa de um novo exemplar.

o o o

«O Ensino» será distribuido gratuitamente a todos os professores publicos e as reclamações contra a falta de remessa devem ser feitas á Inspectoria Geral.

o o o

## CONSELHOS UTEIS

Zeze pela saúde de seus alumnos. Tome interesse pelo asseio de suas mãos, rosto, cabeça, pés e roupas. Uma

recommendação nesse sentido deve ser diariamente feita até que sejam adquiridos os habitos do asseio.

Indague, todas as vezes que julgar necessario, do estado de saúde de seus educandos e providencie, na medida possivel, para que sejam soccorridos.

Na maioria dos casos, o rosto é o espelho da saúde. Não devem passar desapercibidos ao educador os symptomas reveladores de uma saúde ameaçada.

Todas as vezes que apparecer um alumno com ferimento, ou ferida, dê as providencias necessarias para a sua cura e para que os seus soffrimentos sejam minorados.

Considere seus alumnos como si fossem seus filhos ou irmãos.

—

O estado geral de saúde, de asseio e de ordem de uma escola deve impressionar logo á primeira vista.

Empregue todos os meios para que a sala de aula de sua escola seja irreprehensivelmente assejada.

Quanto menor for o numero de utensilios de uma sala, tanto melhor para facilitar o seu asseio. Não devem ser permittidos, quer no chão, quer em cima das mezas, quer no canto, objectos desnecessarios que só servem para afeiar o local e servir de deposito de pó.

A ordem do mobiliario é indicio de bom gosto.

—

O cultivo das flôres attesta claramente o sentimento esthetico. Os povos cultos amam as flôres.

Toda escola, quer da cidade, quer da roça, deve incutir no espirito de seus frequentadores esse sentimento, começando por plantar, em torno do predio, as flôres que mais facilmente se podem cultivar.



## INSPECÇÃO MEDICO-ESCOLAR

Pela lei nº 2035 de 21 de Março de 1921 foi creado no Estado do Paraná o serviço de « Inspecção Medico Escolar » e a 25 de Julho foi iniciado esse importante melhoramento.

Para dirigir esse serviço foi nomeado o Dr. Mario Gomes que, antes de assumir o cargo, esteve em São Paulo e no Rio com o fim de conhecer o que a esse respeito aquelles dois grandes centros já realizaram.

Durante os 4 mezes de seu funcionamento foram visitados todos os grupos escolares da capital, em numero de 11, o de Paranaçuá e o de Rio Negro.

Foram inspeccionados 3960 alumnos, expedidos 422 boletins sanitarios fomicidas 336 receitas.

Dos 3960 alumnos inspeccionados, 1707 careciam de tratamento dentario.

O medico inspector fez varias visitas domiciliarias a alumnos enfermos e o laboratorio pharmaceutico da Força Militar do Estado forneceu medicamentos gratuitos a todos os necessitados considerados como pobres.

O Governo já adquiriu o material preciso para poderem ser feitos os exames anthro-po-pedagogicos.

A Inspecção medico-escolar funciona annexa á Inspectoria Geral do Ensino.

## GABINETE DENTARIO ESCOLAR

Já foi inaugurado o gabinete dentario destinado a soccorrer todos os alumnos dos grupos e escolas isoladas da capital.

Funciona no grupo escolar « Tiradentes », em dois periodos: das 8 ás 11 e das 13 ás 16 horas.

O publico recebeu com vivas sympathias a nova instituição que é mantida pelas caixas escolares da Capital.

O movimento da assistencia foi, até 20 de Novembro, o seguinte:

Obturações . . . . .	593
Extracções . . . . .	297
Extracções de tartaro . . . . .	3
Tratamento de fistula . . . . .	4
Diatação de abcesso . . . . .	1
Continuam em tratamento . . . . .	229

Vallor dos trabalhos executados 7:470\$000.

O numero de clientes matriculados na clinica, no referido periodo, foi de 403, assim distribuidos:

Grupo 19 de Dezembro . . . . .	92
« Annexo . . . . .	83
« Tiradentes . . . . .	78
« Oliveira Bello e Carvalho . . . . .	72
Escola isolada da Rua João Negrão . . . . .	19
Escola Intermediaria . . . . .	12
« isolada da C. Abranches . . . . .	12
Grupo Professor Cleto . . . . .	10
Escola isolada da Avenida Vicente Machado . . . . .	6
Grupo Cruz Machado . . . . .	5
« Rio Branco . . . . .	4
Escola Normal . . . . .	3
Escola isolada Villa Agostinho . . . . .	3
Escola isolada da Rua Assunguy . . . . .	3
Jardim da Infancia Maria de Miranda . . . . .	2
Grupo Escolar Brandão . . . . .	1
Total . . . . .	403

Destes:

Concluíram o tratamento . . . . .	132
Continuam em tratamento . . . . .	271

## EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

S. Ex. o Snr. Dr. Presidente do Estado abriu no dia 3 do mez findo a exposição de trabalhos dos 11 grupos da Capital, installada no grande salão do Gymnasio Paranaense.

Foram expostas todas as provas escriptas de todos os alumnos, feitas durante o anno lectivo, desenhos, cartographias, trabalhos em cartão, barro, madeira, crochet, costura, bordado branco, etc.

S. Ex. manifestou-se satisfeitissimo com o brilhante resultado dos trabalhos e mandou que directores e professores fossem elogiados por esse motivo.

## REUNIÃO DE DIRECTORES DE GRUPOS

A convite do Snr. Inspector Geral de Ensino, reuniram-se no dia 2 do mez findo todos os directores dos grupos escolares do Estado, com o fim de serem combinadas medidas de ordem administrativa e de orientação pedagogica.

Realisaram-se 4 reuniões, tendo fallado sobre assumptos diversos o Snr. Inspector Geral do Ensino. Dr. Ma-



rio Gomes, inspector medico escolar e sub-inspector Rubens de Carvalho. Dentre as muitas medidas combinadas, destacam-se a de se promover a estabilidade e boa applicação dos methodos de ensino aconselhados pela Inspectoria Geral, a de se combater o vicio do fumo e do alcool e a de se empregarem todos os meios possiveis para se despertar o amor das creanças pelo trabalho.

Ficou ainda combinado que se faça uma representação a todos os prefeitos municipaes, pedindo que comemorem o Centenario da nossa Independencia politica com a inauguração de uma casa escolar construida num dos pontos mais necessitados dos municipios.

### PROFESSORES LOUVADOS

Dentre os inumeros professores que com tanto interesse servem a patriótica e nobre causa do ensino, alguns se destacaram no anno findo pelo zelo e perseverança, accudindo ás necessidades de dezenas de crianças que, sequiosas das luzes do alfabeto, encontraram nesses preceptores verdadeiros amigos e paes.

Elogiados logo nos primeiros mezes do actual anno lectivo, em virtude da inspecção escolar que os foi encontrar em seus postos de honra, foram, pela segunda vez, louvados, de ordem de sua Excellencia o Sr. Presidente do Estado que lhes offereceu no dia 19 de Dezembro, em recepção official, um premio muito significativo para assignalar esse acto de justiça.

Foi deveras solemne esse dia para a Instrucção Publica do nosso Estado. Todos quantos assistiram a esse acto sentiram-se verdadeiramente emocionados, inclusive Sua Excellencia o Sr. Presidente que, com palavras carinhosas, exaltou o trabalho meritorio dos abnegados professores, incitando-os para que prossigam nessa cruzada de luzes, moldando os corações para o bem.

Todos os presentes, que enchem litteralmente o salão nobre do Palacio Rio Branco, acolheram com uma

salva de palmas as ultimas palavras do preclaro Presidente do Paraná.

Os professores louvados e premiados são os seguintes: D. D. Maria Thereza Cardozo, federal, da escola de Bromado, municipio de Palmyra; Aracy Barboza, normalista, da cadeira da Colonia «D. Augusta», districto de Nova Polonia; Maria Clara do Nascimento, normalista, da escola de Bariguy, tambem do districto de Nova Polonia; Anna Ferreira, normalista, da escola da Estação de Araucaria, municipio do mesmo nome; Sigmundo Falarz, normalista, da escola de Santo Ignacio, districto de Nova Polonia; Jorge de Medeiros, provisorio, da escola da Rozeira, municipio de Rio Negro; Canuto Ferreira Pinto Guimarães, federal, da escola de Palmital, municipio de Prudentopolis.

### O NOVO EDIFICIO DA ESCOLA NORMAL

Vão muito adiantadas as obras da nova Escola Normal, mandada construir pelo Governo do Estado para ser inaugurada a 7 de Setembro de 1922.

O grande edificio, alem de servir para a Escola Normal, tem acomodações para um grupo escolar modelo, com 14 classes, escola intermediaria com 4 classes e 2 escolas isoladas modelo. Ao todo, funcionarão 24 classes, com capacidade para 1.200 alumnos.

Alem das 24 salas de aula, tem 11 salas destinados ao serviço da administração, e um salão nobre.

O mobiliario, que já foi encomendado, é muito simples e elegante e todo de imbuva.

### UM POUCO DE ESTATISTICA

O recenseamento de 1920 accusa o numero de 16.640 creanças de 7 a 14 annos no municipio da capital.

Pelos dados estatisticos apurados em Setembro do anno findo, 6.053 creanças frequentavam então as escolas publicas da Capital e 4.403 frequentavam as aulas particulares, resultando um total de 10.456 creanças que recebiam instrucção.



Assistencia dentaria escolar



Gabinete instalado no Grupo «Tiradentes»



